



Trabalhos selecionados para Colóquio Interno

1º Semestre 2021

Ciclo I – Gabriela Maíra Bichara Cordaro Fernandes

Ciclo II – André Lucas Alves de Oliveira

Ciclo III – Cristina Oliveira dos Santos

Ciclo IV – Maria Luiza Nunes Bueno

Ciclo V – Sylvia Amélia Vidal Zobarán

Ciclo VI – Antônio Lopes Emygdio

Índice

Ciclo I

Gabriela Maíra Bichara Cordaro Fernandes

FICÇÕES - DO TEATRO À PSICANÁLISE 03

Ciclo II

André Lucas Alves de Oliveira

O EU IDEAL ANABOLIZADO..... 10

Ciclo III

Cristina Oliveira dos Santos

O RACISMO COMO SINTOMA SOCIAL EM TRANSFORMAÇÃO NO BRASIL16

Ciclo IV

Maria Luiza Nunes Bueno

2020 – UMA REALIDADE CINDIDA..... 23

Ciclo V

Sylvia Amélia Vidal Zobarán

TO ESTUDANDO PARA SABER IGNORAR ou COMO DESCOBRI QUE A FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE
COMEÇA PELO FIM32

Ciclo VI

Antônio Lopes Emygdio

VIVER É PERIGOSO! A TRAVESSIA ANALÍTICA DE RIOBALDO EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS40

1º Semestre 2021

Ciclo I

Aluno: Gabriela Maíra Bichara Cordaro Fernandes

Título: FICÇÕES - DO TEATRO À PSICANÁLISE

“O eu é uma ficção na qual no máximo podemos ser coautores”.

Partindo da afirmação acima, proferida por José Alberto Moreira Cotta, no debate “Arte e Psicanálise”, do dia 18 de setembro de 2020, o presente trabalho pretende entender a tensão entre realidade e ficção recorrentes em peças do teatro contemporâneo deste início de século, sob um ponto de vista psicanalítico.

Do teatro

A crescente tensão entre o real e o ficcional em cena é facilmente encontrada em espetáculos teatrais no Brasil e no exterior, onde elementos autobiográficos, documentais e testemunhais são introduzidos e dialogam com a construção dramática.

Citarei dois exemplos recentes desse tipo de estratégia, criações do começo deste século, declaradamente autobiográficas.

Em “*Conversas com Meu Pai*”, da atriz, diretora e dramaturga Janaina Leite, a criação da peça foi impulsionada pela busca da artista em restabelecer o vínculo conturbado com seu pai. O material que serviu de elemento disparador para a criação autobiográfica do solo constituiu-se de fragmentos de conversas - pequenos bilhetes, guardanapos com frases e palavras recolhidos por ela, que passaram a ser o meio de comunicação entre pai e filha, depois que seu pai passou a se comunicar unicamente por escrito após sofrer uma traqueostomia. Esses elementos do real - pai afásico/reencontro entre pai e filha - costuram e impulsionam o espetáculo.

Na peça *Ficção*, da Cia Hiato - que também trabalha a partir de relatos autobiográficos -, são apresentados seis solos centrados nas relações dos atores com seus familiares. Alguns dos solos contam com a presença de pais e irmãos reais em cena. O que se propõe é uma sobreposição de dois polos opostos: a ficção proposta pela dramaturgia - em que a memória recorta e reconfigura

uma história - e a presença dos atores - chamados pelo próprio nome -, *simulando* um estado confessional, assumindo-se personagem, confundindo o espectador com histórias reais e histórias inventadas, misturando pessoas de seu convívio familiar com ficção. O público é jogado num ambiente de incertezas, um espaço intermediário entre a ficcionalidade de personagens em busca de sua memória e a materialidade do jogo dos atores, resgatando a história do processo criativo e, logo, sua história pessoal.

Essa febre do real no campo do teatro, que no Brasil se verifica desde os anos 2000, ressurgiu agora com força, no contexto pandêmico, por meio de *lives* teatrais nas redes sociais. Esse recurso encontrado pelos artistas cênicos para darem continuidade às suas criações, diante da impossibilidade da arte presencial, revela o real de forma ainda mais concreta, com a exposição das próprias casas como cenário dos acontecimentos. Esse tema, no entanto, seria assunto para outro trabalho, dada a complexidade da discussão sobre as fronteiras entre vida e arte.

Geralmente, esses trabalhos são iniciados através de perguntas disparadoras, onde os elementos da vida real chegam ao teatro como contexto. Não é o que se comprova sobre si mesmo que interessa, mas o que fica como marca, o que nos afeta. Suely Rolnik explica a marca como a memória do invisível, que não é feita de fatos e que gera estados inéditos.

“Ora, o que estou chamando de marca são exatamente estes estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo, o que significa que as marcas são sempre gênese de um devir.”¹

Nesse sentido, e na perspectiva criativa do trabalho em primeira pessoa, poderíamos dizer que o sintoma é aquilo que demanda expressão e ao artista caberia estranhar-se através da marca. É importante frisar que esse tipo de procedimento interessa como produção de linguagem/conteúdo artístico, assim como no documentário ou na literatura, qualquer aproximação que possa vir a ser feita com a psicanálise é no sentido de tê-la implicada e não aplicada.

¹ ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico, Cadernos de Subjetividade.

Da Psicanálise

O gênero autobiográfico, tanto no teatro, como na literatura, pode ser entendido como uma pesquisa de si mesmo. Ideia que também está contida na base do pensamento psicanalítico.

Sabemos em psicanálise que o conhecimento que temos de nós mesmos é relativo. Freud abalou a soberania do eu, da consciência e da razão formulando o que se chamou de *Estrutura cindida do sujeito humano*; onde o aparelho psíquico seria dividido em instâncias ou sistemas: consciente, pré-consciente e inconsciente. Essa foi a primeira grande formulação de Freud, a *1ª tópica freudiana*, segundo a qual todo processo mental começa inconsciente e pode vir a se tornar consciente. O inconsciente tem supremacia sobre o consciente.

*“A concepção mais aproximada desses sistemas, a mais conveniente para nós, é a espacial. Comparemos, portanto, o sistema do inconsciente a um grande salão de entrada, no qual os impulsos mentais se empurram uns aos outros, como indivíduos separados. Junto a este salão de entrada existe uma segunda sala, menor - uma espécie de sala de recepção - na qual, ademais, a consciência reside. Mas, no limiar entre as duas salas, um guarda desempenha sua função; examina os diversos impulsos mentais, age como censor, e não os admitirá na sala de recepção se eles lhe desagradarem”.*²

Mais tarde, Freud sistematiza sua segunda grande formulação, a *2ª tópica freudiana*, aprofundando a ideia do *Eu cindido* com os conceitos de *Eu, Isso e Supereu* ou *Ego, Id e Superego*. Em linhas gerais, poderíamos dizer que o *Id* contém pulsões, desejos e representações; o *Ego*, regido pelo *princípio da realidade*, adequaria o *Id* ao ambiente em que se vive e o *Superego* representaria a cultura, os educadores - pais e professores - introjetados no indivíduo. Esses conceitos ajudam a esclarecer e desenham um verdadeiro território de batalha entre os ideais das *pulsões* - que poderiam ser descritas como exigências, que incidem de dentro do organismo, feitas à mente, de trabalhar as demandas do corpo - e os ideais do *Superego* mundo. O eu estaria tentando dar conta desses senhores, de todas essas instâncias e, dessa maneira, não seria senhor nem mesmo em sua própria casa. O conflito é sua condição primordial.

Freud afirma que o que é consciente e o que é inconsciente constitui a premissa fundamental da Psicanálise. E que a segunda tópica - *Ego, Id e Superego* - opera um deslocamento da atenção em direção à cultura.

² FREUD, Sigmund. Conferência XIX: Resistência e Repressão

“Após o longo percurso empreendido, eis-nos de volta à questão do cogito. Começamos com o cogito cartesiano e chegamos ao cogito freudiano. O primeiro, na sua formulação original, afirmava: “Penso, logo sou.” O segundo, numa das formulações que lhe empresta Lacan, afirma: “Penso onde não sou, portanto sou onde não me penso”. Se o cogito cartesiano apresentava o Eu como o lugar da verdade, o cogito freudiano nos revela que ele é sobretudo o lugar do ocultamento. São duas concepções de subjetividade completamente diferentes. Não se trata, em Freud, de apontar uma nova dimensão da consciência, algo que pudesse ser entendido como a sua face oculta, mas de apontar um novo objeto — o inconsciente. Com isso, a questão do sujeito sofre um deslocamento radical”.³

Do Autobiográfico

Voltando para o gênero autobiográfico, Jean-Jacques Rousseau no prefácio de sua obra *Confissões*, marco dentro dos estudos do gênero autobiográfico, firma o compromisso de “dizer tudo”.

“Na empreitada em que me propus a mostrar-me inteiramente ao público, é preciso que nada a meu respeito lhe pareça obscuro ou não revelado; é preciso que eu me mantenha incessantemente sob seu olhar; que ele me siga em todos os desvios do meu coração, em todos os recantos da minha vida; que ele não me perca de vista um só instante, de modo que, encontrando nos meus escritos a mais ínfima lacuna, o menor vazio, e se perguntando: “o que ele terá feito durante este período?”, ele me acuse de ter me recusado a dizer tudo”⁴

Freud nos faz entender que o empenho de Rousseau é uma empreitada infundada, visto que há instâncias do eu contra si mesmo. Não existe um eu total que vá junto com o que se é. Essa é uma ilusão, uma ficção.

Em seu *Dicionário amoroso da psicanálise*, Elisabeth Roudinesco no verbete *autoanálise* narra a saga de Pierre Bourdieu, que no final de sua vida, redigiu um texto que ela chama de inteiramente freudiano, onde afirma “isto não é uma biografia”, parodiando René Magritte e seu célebre quadro *“Isto não é um cachimbo”*; mesmo pintado da maneira mais realista possível, um cachimbo numa tela, nunca é um verdadeiro cachimbo. O mesmo aconteceria na tentativa, sempre frustrada, de dizer tudo. É o que vemos na seguinte análise de Roudinesco:

³ GARCIA ROZA, Luiz Alfredo. Freud e o inconsciente.

⁴ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Confissões*, Livro II.

“Inteiramente imerso na conceitualidade freudiana - um Eu materno um Supereu paterno - esse romance familiar bourdieusiano mostra que todo trabalho inovador é simplesmente a história de um percurso em que se misturam ficção e verdade, erro e subjetividade, consciência de si e irrupção de forças do inconsciente.”⁵

Ficção?

O texto e a cena teatral que resultam da fricção entre vida e teatro, carregam autoexposição dos artistas que se entregam a esse tipo de abordagem e colocam o público como testemunha de uma espécie de documento autobiográfico. Nesse sentido, as marcas que a vida produz no indivíduo são material de criação. Entendo aqui *marcas* como experiências de afeto: violentas, alegres ou tristes, que solicitam um novo corpo, uma nova maneira de se estar na vida. Podemos chamar esse tipo de linguagem teatral, ligada à manifestação autobiográfica, de autofiguração, autoficção, auto *mise en scène*, autorrepresentação, performance autobiográfica ou autoescritura performativa.

A etimologia da palavra teatro, que vem do grego *theatron*, *significa* o local de onde se vê. E o ator seria o mediador dessa realidade que se cria, com o chamado pacto ficcional, onde o ator diz que é Hamlet e, apesar de sabermos que é uma pessoa interpretando o príncipe da Dinamarca, há um combinado de entrega e crença. O teatro de inspiração autobiográfica quebra esse pacto, na autoficção *ser ou não ser* converte-se em *ser e não ser*. Diante de uma obra desse gênero, o espectador para de se perguntar o que é arte e começa a se perguntar o que é vida.

Entretanto, diante de Freud e da ciência de que a versão que faço de mim é toda distorcida, o pensamento só pode ser parcial. Assim, como a realidade dos fatos não importa ao psicanalista, pois sabemos que memórias carregam diferentes energias psíquicas, diante de uma obra baseada em fatos reais, é comum nos perguntarmos quanto de verdade existe por trás da ficção. Mas será que nos questionamos quanto ao contrário? Quanto de imaginação existe no real? Até que ponto o que somos, o que fomos, não é senão uma invenção?

A existência de um eu total, soberano, que sempre vai junto com a totalidade do que se é, não passa de uma ilusão, de uma ficção.

⁵ ROUDINESCO, Elisabeth. Dicionário amoroso da psicanálise.

ANEXOS

Em complementação, seguem notas pessoais sobre o estudo da psicanálise e a feitura deste trabalho, escritas ao acaso, que, ainda que não produzidas para esse fim, apontam para a fricção existente entre ficção e realidade. (Ou “isto não é uma autobiografia”).

I - A cada aula, lembro-me da frase da poeta Ana Martins Marques: “Morar no fracasso de um projeto”⁶. Leio a bibliografia básica, os textos complementares. Volto inúmeras vezes a um único parágrafo, tenho a sensação de ter retido alguma coisa, alguma compreensão, um vago entendimento. Cada leitura me lança no abismo. Aguentar as lacunas, as incertezas, os mal-estares, penso nas falas de Ernesto e Walkiria ainda na fase de entrevistas para o curso de formação. Outro poeta me vem à mente, Manoel de Barros, que traduz com maestria minha sensação ao estudar Psicanálise: “Eu queria construir uma ruína. Embora eu saiba que ruína é uma desconstrução”⁷. Assim me sinto construindo uma ruína. A cada leitura, a sensação de abismo. Tenho a impressão de que até agora ignorava o sistema de funcionamento das coisas do mundo. Como se houvesse um antes e um depois de minha vida em relação ao estudo da psicanálise. Todo um mundo novo se apresenta. Quando acho que entendi alguma coisa, a informação me escapa, é preenchida por uma camada ainda mais complexa. A sensação é a de desaprender o que entendia de mim até aqui. São 41 anos de ilusão de entendimento. Lido com o desconforto. Nada se faz completamente. Caminho nas brechas.

II - Busco o projeto perfeito. Como um poeta em busca da palavra certa, busco o assunto ideal. Invento temas, escrevo, apago, abandono. Encontro falhas, lacunas, o inconcluso. Busco o trabalho perfeito, assim como busco ser amada. Como se a criança dentro de mim dissesse: “Mãe, pai, olha o que eu sei fazer!”. “Professores, olhem o que eu entendi”.

III - Lenta biografia. É possível estar aberta a ver, a cada dia, uma pessoa - a que o encontro daquele dia me trouxer - na mesma pessoa? E, em mim, quantas pessoas habitam? E nos meus filhos? Lembrar de reconhecer que, antes de serem meus filhos, são pessoas - eles próprios - e suas singulares subjetividades [non dimenticare].

IV - “Freud não explica nada; Freud faz perguntas”, Ernesto disse. Dias depois, ouvi da Mônica Passarinho algo que há muito tempo se pensa em arte educação: as respostas não importam, o que é mesmo relevante são as perguntas. Hoje, um pouco antes de dormir, meu filho Martim, intuitivo dos processos do mundo, sem presenciar nenhuma dessas conversas, me

⁶ MARTINS MARQUES, Ana. Como Se Fosse a Casa (Uma Correspondência).

⁷ DE BARROS, Manoel. Poesia Completa.

lançou a seguinte indagação: “Mãe, respostas são perguntas que ainda não foram respondidas?”. Que perguntas a gente se tem feito? Sobre o que estamos curiosos?

V - Sete meses te vendo pela tela. Você bidimensional. A falta de profundidade - sem duplo sentido ou trocadilho, me explico para que me entendas - faz com que seja mais difícil te compreender. Não ouço seus gestos, nem vejo seus sons. Estamos todos com medo. A gente tá num entre passado e futuro. “O medo restringe”, você me diz. “Quando a gente tá com medo evita aparecer”. Verdade, penso. Faltam sístole e diástole; possibilidades de expandir, principalmente. “E de recolhimento”, você completa. Chorar no chuveiro. Te conto que, hoje, minha filha Lina dormiu quietinha embaixo da mesa e não houve jeito de convencê-la a fazer diferente. Até aqui, sempre achei que fosse o corpo a principal ferramenta de elaboração. “Mas a palavra dá corpo, traz forma”, você me lembra. É tudo uma coisa só, não conta pra eles. “Eles já sabem”, você me diz. E outra vez me esqueço que tenho costas quando a chamada termina e me chama pra tridimensionalidade de brincar no chão com uma criança. Haja sístole e diástole.

Referências

- DE BARROS, Manoel - *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2013
- FONTES LEITE, Janaina - *Autoescrituras performativas: do diário à cena*. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- FREUD, Sigmund - Conferência XIX: *Resistência e Repressão*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996.
- GARCIA ROZA, Luiz Alfredo - *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1994.
- MARTINS MARQUES, Ana - *Como Se Fosse a Casa: Uma Correspondência*. Belo Horizonte: Editora Relicário, 2017
- ROLNIK, Suely - *Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico*. São Paulo: PUC. Cadernos de Subjetividade. Vol 1, nº 2, 1993.
- ROUDINESCO, Elisabeth - *Dicionário amoroso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2019
- ROUSSEAU, Jean-Jacques – *Confissões*. Livro II. São Paulo: Editora Edipro, 2008.

1º Semestre 2021

Ciclo II

Aluno: André Lucas Alves de Oliveira

Título: O EU IDEAL ANABOLIZADO

A caixa de texto inicial do Facebook pergunta ao usuário “no que você está pensando?”, enquanto o Twitter interroga “o que está acontecendo?”. Vivemos em uma Cultura na qual é tudo sobre você. Ou melhor, sobre o Eu. Em tempos digitais, parece que grande parte da internet gira ao redor da opinião do sujeito — e da necessidade de ter sempre algo a dizer sobre si mesmo. Se Sartre sentenciou que o inferno são os outros, parece que, no contemporâneo, o inferno é o Eu.

A internet pode não ter criado novos sofrimentos, mas é possível levantar a hipótese de que agravou sintomas e também renovou e atualizou alguns traços de estruturas psíquicas. Nesse contexto, há uma aparente relação entre o aumento das horas online e o crescimento dos números de casos de depressão e ansiedade, entre outros males psíquicos. A ironia é que, por maior que seja o mal-estar coletivo na atualidade, a internet parece ter dobrado a aposta da Cultura na performance da felicidade.

A mentalidade “fake it till you make it” conta agora com infinitos filtros, deep fakes e outras formas de refinar a performance. Mas por mais imersivos que sejam os infinitos recursos para distrair-se — ou até manipular — o real, os sintomas insistem. Nesse sentido, será que as redes estariam escavando as feridas narcísicas do sujeito?

Todo mundo precisa de um pouco de narcisismo

O processo de constituição de um sujeito é uma grande jornada. Ao contrário do que diz o imaginário popular, Freud foi categórico ao afirmar que “uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido”. Esse desenvolvimento é um

verdadeiro campo de batalha, começando pelo fato de que o sujeito vem ao mundo como objeto do desejo do outro.

Nesse caminho, o bebê é atravessado pelo narcisismo primário como uma forma de constituir a imagem do seu próprio corpo, além, claro, de uma unidade psíquica. Como elucidou Lacan, o sujeito não é indivíduo exatamente porque é marcado pela divisão consciente/inconsciente. A grosso modo, não é uno, é duo. E nada disso acontece sem o narcisismo.

Narciso talvez seja mesmo a história mais triste já contada. Narciso seduziu-se por esse mecanismo tão complexo e tão básico. E quem poderia culpá-lo?! Como na versão do mito (re)escrita por Oscar Wilde, o lago sente a falta de Narciso não por sua beleza, mas porque no fundo dos olhos de Narciso conseguia ver a sua imagem. Ou seja, o narcisismo é universal e, com sorte, todos acabamos jogando esse jogo.

Se tudo der certo, uma criança encerra seu desenvolvimento em um estado neurótico, intuindo que não é mais o objeto perfeito na fantasia do outro e que não pode fazer tudo o que quer. Mas esse suposto desfecho não significa que a guerra está ganha e a verdade é que o ego irá lutar para sustentar uma unidade psíquica relativamente equilibrada e coesa até a morte.

Na célebre frase “o Eu não é senhor em sua própria morada”, Freud condensou o paradoxo do Eu cindido. Se o Eu serve a “três tirânicos senhores (que) são o mundo externo, o superego e o id”, é claro que sustentar a subjetividade pode tornar-se uma tarefa hercúlea. Pode até dar para integrar os vários aspectos da personalidade, mas os sujeitos seguirão sendo partidos.

Talvez essa seja uma das maiores libertações que a Psicanálise oferece ao sujeito contemporâneo — ter a sua própria subjetividade (conquistada na modernidade) e não restringi-la a uma unidade. No limite, pode ser uma forma de aceitar o conflito com o outro e consigo mesmo. Paradoxalmente, a Cultura não parece disposta a abrir mão da ideia de unidade, de que cada um tem um núcleo sólido como a semente de um pêssgo, um ideal que é glorificado pelo discurso “seja você mesmo”.

O mito da autenticidade

A autenticidade é um dos ideais mais fetichizados da atualidade. Na definição mais comum, autêntico é o que é genuíno, real, que não é falso e nem copiado; tem uma fonte de verdade. O selo de “verificado” nos perfis sociais nas redes é um excelente símbolo dessa mentalidade, como se uma persona online tivesse passado por um processo de autenticação, uma validação escrita em uma entrelinha digital que nos leva a acreditar que ali, naquele perfil, encontraremos um sujeito que é exatamente o que diz ser.

Autenticidade é um conceito-chave para uma mentalidade mercadológica na qual a propriedade é o conceito central. É a premissa básica para justificar o valor de um determinado produto — se é autêntico, é mais caro. Mas o capitalismo é traiçoeiro, e os séculos de mercantilização, inclusive de pessoas, fizeram com que o critério de seleção se tornasse ferramenta de identificação. E, de certa forma, de negação da fragilidade do ego.

Nem todo sujeito aceita não ser a encarnação da perfeição, nem todo sujeito topa não ser a fonte de atenção e prazer por tempo indeterminado. Afinal, o sentimento intenso de onipotência que prevalece nos estágios iniciais da vida é poderoso, como descreveu Melanie Klein. Assim, como anjos caídos, muitos sujeitos vão tentar resgatar esse lugar através de uma estratégia ousada: tornar-se seu próprio ideal. Só que esse ideal se inflou, tornou-se uma aposta ainda mais cara — não basta ser um Eu Ideal, é preciso ser um Eu Ideal autêntico, sedutor e, claro, indestrutível.

O Eu (ideal) anabolizado

A internet potencializa um estranho casamento entre “eu me basto” e um senso moderno de bem-estar, onde o que importa é estar bem consigo mesmo, acreditar no seu potencial, ser de bem, positivo, *good vibes*. Nessa chave, o sofrimento do mundo torna-se energia negativa e as críticas ao sujeito são interpretadas como ataques invejosos, tentativas de destruir a autoconfiança que foi conquistada a duras penas.

O jogo fica ainda mais sério em um contexto no qual a personalidade tornou-se uma valiosa *commodity*. Entre Kardashians e Trumps, uma identidade pode render likes, recebidos, contratos, dinheiro e poder. O “I” de internet é realmente sobre o pronome “I” da língua inglesa. E o saldo final dessas transações é uma Cultura em que o Eu (Ideal) tornou-se anabolizado, intoxicado pela

positividade, crente que coisas, pensamentos e conteúdos positivos são a chave para eliminar a angústia.

O narcisismo hiper-dilatado contrasta com um senso atrofiado de realidade. E a internet torna-se uma grande EgoVila, um mundo encantado cujos habitantes lembram distorções da personagem ficcional da madrasta da Branca de Neve, interrogando o espelho sobre a existência de alguém mais belo e equilibrado do que (o) Eu. O problema é que o algoritmo desse espelho revela infinitos recortes de vidas mais perfeitas e otimizadas. Inclusive apresenta mais exemplos do que o sujeito consegue suportar. Essa insistência na reafirmação do Eu (ideal) é também sucumbir à sedutora ideia de que o Eu pode ser imbatível.

Um ego perfeito pode parecer um diamante inquebrável, mas a verdade é que é um cristal frágil, pronto para se esfarelar como areia. Um eu perfeito pode parecer um espaço amplo para “ser você mesmo”, mas quanto mais altas as muralhas do Eu, mais alienado fica esse sujeito e menos consegue-se ver o que e quem está lá fora. Daí o outro vira plateia e, pior, quando oferece muito conflito, torna-se uma ameaça. Na matriz capitalista consumista altamente invejosa, a competição com o Eu Ideal nunca termina. E o efeito colateral da estratégia de fortalecimento do ego acaba sendo o enfraquecimento do sujeito.

A vulnerabilidade da performance

Esta montagem vai se tornando ainda mais cara e difícil de sustentar. Especialmente quando essa performance é intencionalmente desenhada para a validação alheia. E novamente a internet potencializa o problema. Se subjetividades analógicas performavam para um grupo restrito de pessoas e apenas em determinadas situações, hoje o Eu Ideal está sujeito ao olhar de centenas, milhares, dezenas de milhares de outros. Só que performar para todos o tempo todo é sufocante. E condena o sujeito a infinitas camadas de “deveria”, “gostaria” e “seria”, banquete para uma Cultura cada vez mais adoecida.

Tudo isso faz com que o sujeito contemporâneo fique preso em um impasse. Por um lado, é incapaz de abandonar a sedutora possibilidade de reconstruir continuamente um Eu Ideal que será supostamente amado pelas massas. Por outro, também há uma vontade de desconstrução desse modelo perfeito — e inalcançável — sob o discurso de valorização da vulnerabilidade. Esse ideal

entra na Cultura como uma tentativa de desconstruir e também de facilitar a construção da cena narcísica, um lembrete de que é possível se identificar e obter satisfação com ideais parciais, qualidades que não precisam estar concentradas em um mesmo sujeito. É mais sobre bancar os ideais (de Eu) do que insistir na totalidade do Eu ideal. Mas como tudo que existe em uma sociedade neoliberal, o mercado se apropria do discurso e esvazia o significado. No balanço final, o mantra da vulnerabilidade vira mais um artifício para vender xampus.

Até dá pra sustentar aquela ideia antiga de não precisar de ninguém, mas não por muito tempo. Por mais sozinha que seja a condição do ser e por mais sedutor que o discurso de independência radical possa parecer, sempre precisamos do outro. Como escreveu Lacan, “é no outro que o sujeito se identifica e mesmo se experimenta no início”. Ou seja, não tem como escapar do outro e nem do eu. O alívio é que nem o eu e nem o outro são uma coisa só.

O jogo dos espelhos

Como na imagem do estádio do espelho de Lacan, as redes sociais causam ilusões óticas. Nos fazem acreditar que são um espelho plano que projeta uma imagem refletida perfeita do outro lado. Mas na verdade é uma infinidade de espelhos côncavos, distorcendo e mudando as imagem de acordo com a posição do sujeito — e dos milhares de outros.

O espelho é um processo fundamental para que um sujeito entenda que 1) é alguém e que também é 2) mais do que a soma de suas partes. O truque é que o sujeito vai precisar do olhar do outro nesse jogo especular. O outro vê a minha imagem e eu me identifico com o que é visto. Em teoria, o estádio do espelho é uma etapa do desenvolvimento infantil, mas os dilemas da performance online parecem reprises diárias desse processo.

O que sobra? Fragmentos de Eu espalhados pelo chão que têm de ser recolhidos e colados diariamente para ver se, quem sabe, a imagem do dia agrada alguém. É exaustivo para o sujeito, ainda que muito lucrativo para algumas instituições. É um espetáculo digno de likes. Como afirmou Christian Dunker no vídeo *A Cultura da Indiferença*, “onde isso vai levar? numa multidão de indivíduos solitários, uma multidão de indivíduos que não conseguem sair de seus próprios espelhos, que levam vidas que são mera reposição de si mesmos.”

Nesse contexto, a pergunta que fica é: como sair da bolha de iguais para lidar com as diferenças? E, claro, dá pra levar a autoimagem menos a sério? Se a dor do mundo nos afeta, a psicanálise é uma forma de suspender momentaneamente a concepção de unidade que temos de nós mesmos. E assim, fazer alguns ajustes, ter um respiro para deixar o Eu voltar a trabalhar. Pode ser uma ponte para atravessar a fantasia de ser um sujeito imbatível e inquebrável. Mas sem esquecer que a angústia sempre volta — nunca foi embora, por mais eficiente que seja o filtro de beleza da semana.

1º Semestre 2021

Ciclo III

Aluno: Cristina Oliveira dos Santos

Título: O RACISMO COMO SINTOMA SOCIAL EM TRANSFORMAÇÃO NO BRASIL

“-Olhe o preto!...Mamãe, um preto!...

-Cale a boca, menino, ele vai se aborrecer.

Não ligue, monsieur, ele não sabe que o senhor é tão civilizado quanto nós.”

(FANON, 2008, PAG 106)

Um tema que esteve candente nos últimos meses e que cruzou uma de nossas horas clínicas neste segundo semestre de 2020 foi o racismo. Vínhamos já de meses de quarentena e algo que parecia muito pouco provável era que nos Estados Unidos – o país que naquele momento era o mais afetado pela pandemia do Coronavírus – se eclodiriam o que hoje sabemos que foram as maiores manifestações de rua de sua história. Naquele 25 de maio, a faísca que possibilitou a explosão do barril de pólvora foi o violento assassinato de George Floyd, um homem negro estadunidense, estrangulado por um policial branco que manteve o joelho sobre o pescoço de Floyd por 8 minutos e 46 segundos. Infelizmente o assassinato de pessoas negras por policiais brancos não é uma novidade nos Estados Unidos, assim como também não é aqui no Brasil. Brionna Taylor, uma jovem mulher negra de 26 anos, também havia sido assassinada pela polícia a tiros 2 meses antes do assassinato de Floyd. As mesmas manifestações do #BLM – Black Lives Matter/Vidas Negras Importam – datam de 2013, ano em que o assassino de Trayvon Martin – jovem negro de 17 anos – foi absolvido pelo crime. As manifestações vão ganhar força em 2014 após os assassinatos de Michael Brown e Eric Garner, ambos pelas mãos da polícia. Cabe aqui dizer que a polícia estadunidense é uma das 3 mais violentas do mundo, e adivinhem só quem leva a medalha de ouro neste podium sinistro? Sim, a polícia brasileira é considerada a mais letal do mundo. Aqui no nosso país, apenas alguns dias antes do estopim das mobilizações dos Estados Unidos, o adolescente Joao Pedro havia sido assassinado dentro da sua casa pela polícia. Com uma pandemia nas ruas e a

campanha #Fiqueemcasa nas redes e na mídia, a nossa casa supostamente deveria ser um local seguro. Não foi para João Pedro. Aghata Felix, Kaue Santos, Kauan, Rosário, Jenifer Gomes e tantas outras crianças vitimadas pelo estado brasileiro. Falo das crianças porque é chocante, mas a violência estatal é cruel sobre a pele negra, independente da faixa etária. Lembremos dos 80 tiros disparados contra o carro do músico Evaldo em abril de 2019, do corpo de Claudia Ferreira sendo arrastado pelo camburão da polícia, lembremos de Amarildo que desapareceu após ser interrogado por policiais militares na sede de uma UPP (Unidade de Polícia Pacificadora). Lembremos dos 111 presos assassinados pelo estado no massacre do Carandiru.

Tentando não criar um paralelismo artificial entre a situação dos dois países, que possuem características distintas quanto a conformação social e ao peso de negras e negras tanto social quanto economicamente, mas entendendo que existem pontos de contato importantes que mostram uma lógica de “inimigo doméstico” quanto à relação das forças do aparato estatal e as populações negras em ambos, onde parece haver uma visão do negro como “estrangeiro”, este conceito limite entre a psicanálise e a política, que se refere aquele que é de fora e que não pertence aos meus. A ideia desta reflexão é partir desses elementos concretos para tentar colocar uma visão psicanalítica do problema, partindo da mirada do indivíduo *racializado* e para pensar o racismo no nosso país a partir também das manifestações sociais que vem suscitando e quais reflexos podemos encontrar na clínica.

Lélia Gonzales (1988), um dos grandes nomes da intelectualidade brasileira que se debruçou sobre o problema do racismo, chega a afirmar que o racismo é o sintoma por excelência da “neurose cultural” brasileira. Ela coloca que é possível compreender o racismo a partir da categoria freudiana de *denegação* (Verneinung), “o processo pelo qual o indivíduo, embora formulando um de seus desejos, pensamentos ou sentimentos, até aí recalcado, continua a defender-se dele, negando que lhe pertença”, para Lélia, o conceito de *denegação* resume o que conhecemos como “democracia racial”, pois seria a expressão de um racismo disfarçado, que se baseia em falsas teorias de miscigenação ou assimilação harmônica. Mas partindo do sujeito *racializado*, acredito que esta categoria não poderia estar ligada a elementos conscientes, ao ponto de serem “disfarçados”. Nesses, não seria compreensível a categoria Freudiana de *denegação*, sem antes destacarmos o racismo como um fenômeno historicamente construído, datado e difundido através dos meios de comunicação de massa e aparelhos ideológicos tradicionais, onde se reproduz e perpetua a crença de que os valores ocidentais brancos são verdadeiros e universais, gerando o que poderíamos chamar do “desejo de embranquecer”. Nesse sentido, as características raciais passam a serem

negadas de maneira inconsciente, na tentativa desse sujeito *racializado* tentar responder a esse valor universal branco.

Gonzalez faz uma diferenciação entre como respondem ao problema do racismo pessoas negras no Brasil e nos Estados Unidos, colocando que no caso do nosso país, à internalização do “desejo de embranquecer”, se soma a negação da própria etnia e da própria cultura. Em contrapartida, no caso dos Estados Unidos onde houve segregação explícita, ao contrário da *denegação*, o que se constata é um reforço da identidade racial. O problema desta formulação é que pode dar a entender que no Brasil, onde o que predomina é a ideia de “democracia racial”, não houve ou não há resistência de negras e negros contra o racismo, o que não é verdade. Foram muitos os levantamentos e revoltas negras que gestaram a situação que levou a abolição da escravidão no nosso país e é importante remarcar esse fato e a partir disso, entender que houve um esforço institucional do estado racista brasileiro para dominar e controlar a população negra, omitindo da história oficial inclusive seu papel central na luta pela abolição. É importante sinalizarmos que foi necessário a criação de uma ideologia desde o estado para afirmar a inexistência do racismo e a suposta existência harmônica das “três raças”. *Casa Grande & Senzala* de Gilberto Freyre data de 1933, e o homem cordial do *Raízes do Brasil* de Sergio Buarque de Holanda de 1936. A Frente Negra Brasileira é fundada em 1931, que apesar da contradição de uma direção aliada ao integralismo de Plínio Salgado, possui o crédito de ter sido uma das primeiras expressões abertas de organização política de negros e negras após a abolição. Não me parece uma coincidência que ao tempo em que a população negra funda seus organismos de luta, apareçam também estas que são consideradas obras fundantes do pensamento nacional e que se dedicam justamente a passar a ideia de *negro dócil* e sua existência harmoniosa com o colonizador, sendo que será esta a literatura predominante nas instituições do estado. Combinado a esse movimento ideológico, nosso país teve uma abolição onde não foi garantido o mínimo para as populações negras subsistirem: não garantiram terras para cultivar e mesmo o trabalho nas fábricas e lavouras foi sendo substituído por mão de obra imigrante branca. Antes escravizados, agora negras e negros estavam jogados à marginalidade. A junção da marginalização com a ideia da coexistência pacífica onde não existe discriminação pela cor, leva ao imaginário social a separação da característica da ideia da cor da pele de todos os afetos que são de fato racistas, uma analogia com o que Freud descreve no processo da Neurose.

Como sabemos, a neurose é o resultado de uma defesa psíquica, diretamente relacionada ao recalado, este que atua fazendo uma separação entre a ideia traumática e o afeto relacionado à esta ideia. Como busquei desenvolver acima, parece que o mecanismo do racismo, no que tange

ao sujeito *racializado* no nosso país, funciona de maneira parecida. Lélia Gonzalez não chega a conceituar a partir da categoria de neurose como funciona a *denegação* quanto ao racismo no Brasil, mas vejo que é possível uma tentativa a partir de identificar um mecanismo de separação entre a cor da pele e o afeto, de forma a tornar o negro a ideia recalcada. Podemos inclusive constatar isso com o próprio uso da palavra, onde ainda existe resistência para se referir a alguém como negra, utilizando-se de palavras substitutas como “morena”, “escurinha”, “mulata”; por como se expressa na linguagem é possível notar a característica de sintoma do racismo, que aparece no discurso como uma espécie de solucionador de conflito. Para Freud, o recalcado é um fragmento da realidade relacionado ao trauma e esse conteúdo é o que estará no sentido do sintoma, que por sua vez é a produção que o sujeito é capaz de fazer para lidar com seu conflito em relação ao próprio desejo, a própria pulsão, à demanda do outro. E quem seria esse outro? Na minha opinião o outro é o próprio Estado (entendendo aqui o Estado como o ente que administra os interesses da classe dominante) que utiliza de suas instituições para perpetuar a ideia da negra/negro como “inimiga interna”. Se o sintoma é uma “metáfora” do desejo inconsciente que foi recalcado, o racismo aparece então como um sintoma social, que surge para permitir o gozo das pulsões de agressividade que foram alimentadas pela introjeção da ideia de “inimigo interno”, ao mesmo tempo em que gera nas pessoas *racializadas* traumas que vão se expressar nos mais distintos âmbitos das nossas vidas. A demanda desse outro, não é pura e simplesmente o “ódio racial”, pois entraria imediatamente em conflito com a maior parte da população; mas sim o ódio à todo significante ligado à população negra, porém desvinculado da ideia de raça. O ódio racial aparece como uma das possibilidades de simbolização a partir de um discurso hegemônico que é racista.

Talvez esta seja uma maneira de compreendermos como é possível que um país onde a maioria da população é negra - segundo o último censo somos 54% - o racismo seja elemento estrutural e estruturante de todas as relações sociais. Isso não é um mero detalhe pois sendo maior parte da população geral, somos também maioria dentro da classe trabalhadora, e partindo de uma visão marxista da realidade, somos maioria dentro do setor social capaz de gerar riqueza a partir das transformações possibilitadas pelo trabalho. Pensemos nos aspectos culturais historicamente perseguidos: a capoeira já foi proibida e reprimida, a música negra como o samba, o pagode, o funk foi e ainda é relacionada à malandragem e tratada hegemonicamente de maneira depreciada, as religiões de matriz africana foram e são relacionadas com uma ideia de “mal”. Da mesma maneira, os aspectos fenotípicos também são desvalorizados: o cabelo crespo é chamado de “cabelo ruim”, o nariz negroide tem a expressão pejorativa de “nariz de batata”; e no entanto, todos estes aspectos negativos não se conectam diretamente a cor da pele, e sim ao que é “feio”, ao que é “do

mal", ao que é "malandragem". Ao mesmo tempo que o racismo gera esse movimento de inferioridade de negras e negros, também relacionada todo o "belo" e "sublime" aos *não racializados*, ou seja, aos brancos.

Pensando nos desenvolvimentos de Lacan quanto o nascimento do sujeito no estágio do espelho, onde em um primeiro momento há uma reação de estranhamento com a própria imagem refletida, poderíamos concluir que o estranhamento ao outro é uma característica constitutiva do sujeito no que tange a visão psicanalítica, tudo está em construção, inclusive nossa ideia de nós mesmos. Ao estranhamento inicial se somam as identificações que farão com que o pequeno ser em processo de constituição de sua subjetividade, passa a reconhecer-se como sujeito a partir dessa relação com o outro, logo, a famosa máxima lacaniano: "O eu é o Outro". A posição racista só poderia então ser inserida, utilizando um discurso que nomeie "negro" como diferente, e aqui entendendo que esta é uma reflexão que se situa na borda do limite entre o psicanalítico e o político, pois essa "nomeação" parte de forma consciente dos aparelhos do Estado, mas se expressa nos indivíduos de maneira inconsciente. A função de nomear o outro como ser odiado é muito bem articulada pelas nossas estruturas de comunicação de massa, desde as telenovelas, as obras literárias, os livros didáticos, as campanhas publicitárias, ou seja, uma superestrutura racista que reproduz um discurso de inferioridade de negras e negros.

Frantz Fanon (2008) exemplifica isso a partir de identificar a família como uma expressão celular da nação, no sentido de que a criança que sai do meio familiar, reencontra as mesmas leis, princípios e valores que aprendeu dentro de casa. Uma criança branca, saindo do seio da família e entrando em contato com o mundo, não sofrerá traumas específicos pela sua cor de pele, enquanto uma criança negra saindo do seio de sua família, se deparará com a ideia de sua diferença em relação a vários outros sujeitos, momento que provavelmente representa uma infinidade de experiências emotivas que poderão gerar os traumas nesse sujeito, a depender das suas possibilidades de elaboração.

George Breitman (2019), em um texto de 1954 chamado "*Quando surgiu o preconceito contra o negro*", partindo do estudo de historiadores e antropólogos que pesquisavam várias culturas que promoveram trabalho escravo, como gregos, persas e egípcios, verifica que anteriormente ao capitalismo, a escravidão era baseada em disputas de guerra e religiosas. Segundo o autor, a escravidão que usou como base a diferenciação da cor da pele, é uma invenção moderna, uma característica singularmente capitalista. "*Centenas de estudiosos modernos rastrearam o preconceito contra o negro no comércio de escravos africanos e na escravidão que foi introduzida*

nas Américas. [...] a teoria de que os negros são “inferiores” surgiu logo após a descoberta de que a escravidão era excepcionalmente lucrativa.” (BREITMAN, 2019 PAG 47).

Nós, quanto futuro psicanalistas, precisamos nos apropriar destas discussões e ajudar a desenvolvê-las para melhor compreender este que parece se apresentar como um sintoma social que se encontra em transformação. Assim como as grandes manifestações de 1968 nos deixaram de herança a revolução sexual que de alguma maneira transformou as manifestações de alguns sintomas neuróticos - como a conversão histérica - ao explicitar o “não dito” e a partir disso criar maiores possibilidades de elaboração; as mobilizações e questionamentos antirracistas aos quais estamos assistindo e participando hoje, podem estar transformando o racismo quanto sintoma social. Porém, assim como a histeria não desapareceu com as mudanças no comportamento sexual, já que as opressões sexuais ainda existem, o racismo também não desaparecerá sem mudanças estruturais radicais. O racismo, entendido como um sintoma social gera feridas psíquicas que só podem ser tratadas desde uma perspectiva de cura de todo o corpo social, a partir de uma lógica de ruptura com a violência colonial, esta que por sua vez é expressão de um modo específico de organização econômico-social, o capitalismo.

No livro, “O racismo e o negro no Brasil: Questões para a Psicanálise”, Noemi Moritz Kon coloca a hipótese de que a grande disposição de elaboração de Freud tornou-o capaz de converter a energia da brutalidade do antissemitismo em propulsor para a criação de sua obra. Isso dialoga com Lélia Gonzalez, quando afirma que as ações de resistência estão conectadas com a identificação e reivindicação da identidade, se referindo aos processos de resistência da população negra nos Estados Unidos. Os levantamentos nos Estados Unidos levaram a um profundo questionamento das instituições policiais e foram em 2020 o principal elemento que cruzou todos os debates das eleições presidenciais. As mobilizações alteraram a situação de passividade imposta pela pandemia não somente naquele país, como também ecoou na Europa e no Brasil. Isso ocorreu em um país onde negros são apenas 15% da população. Podemos imaginar o que poderia significar um processo semelhante no Brasil?

Não é possível adivinhar como podem se desenvolver os processos de luta de negras e negros no nosso país em seu caminho por sua afirmação, mas o que sim podemos concluir, é que o racismo é um mecanismo extremamente valioso para as elites, pois é parte fundamental do que garante que se mantenham nesse lugar. A partir disso, todo questionamento que se proponha o fim do racismo, precisa partir da necessidade de enfrentamento com Estado e sua elite racista, pois assim como Freud pôde transformar a partir da sua capacidade de elaboração a brutalidade do antissemitismo no corpo teórico que nos permite estar fazendo hoje essa discussão aqui, negras e negros também

podem ressignificar seus traumas em prol de atacar as raízes da ideologia racista, que passa na minha opinião, por questionar o capitalismo, com seu estado e sua polícia - como modo de reprodução da vida.

Referências

- BREITMAN, George **Quando surgiu o preconceito contra o negro** em A revolução e o negro / organizado por Marcello Pablito, Daniel Angyalossy Alfonso. – Ananindeua, PA: Itacaiúnas, 2019.
- FANON, Frantz **Peles negras, máscaras brancas**; tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FREUD, Sigmund **As Neuropsicoses de defesa** Obras completas volume III pag 49-66 Imago, 1996.
- GONZALEZ, Lélia **A categoria político-cultural de amefricanidade**. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, nº 92/93 1988b pag 69-82
- KON, Noemi Moritz **À guisa de apresentação: por uma psicanálise brasileira** em O Racismo e o Negro no Brasil: Questões para a Psicanálise 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- LACAN, J **O estádio do espelho como formador da função do eu** em Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998
- LADEIRA, Cadu AFFINI, Marcelo **Quilombo dos Palmares: Cem anos de sonho Revista Super Interessante**, Editora Grupo Abril Publicado em 31/08/1993 atualizado em 31/10/2016 disponível em <https://super.abril.com.br/historia/quilombo-dos-palmares-cem-anos-de-sonho/> acessado em 12/10/2020
- MOURA, Clóvis **A Frente Negra Brasileira** em História do negro brasileiro São Paulo: Editora Ática S.A., 1992

1º Semestre 2021

Ciclo IV

Aluno: Maria Luiza Nunes Bueno

Título: 2020 – UMA REALIDADE CINDIDA

O ano de 2020 foi mais estranho que a ficção. Fomos todos acometidos por uma pandemia em escala mundial, que já matou quase três milhões⁸ de pessoas no mundo, e mudou completamente a forma como nos relacionamos com os outros e com nós mesmos. Ao mesmo tempo que tivemos que ficar isolados em nossas casas para evitar a propagação do vírus, assistimos sentados e impotentes a líderes locais e mundiais negando a gravidade da doença e os cuidados recomendados por especialistas – e seus seguidores indo às ruas protestar contra a ciência; políticos desviando verba no momento que a Saúde Pública mais precisava; a mídia sendo desacreditada a cada dia que passa enquanto mensagens de *whatsapp* e *tweets* são tomados por verdade absoluta. Tudo isso me faz questionar o que está acontecendo; o que é verdade – o que é *fake*? Onde buscar informação neutra – e será que isso existe? Sinto que estamos vivendo em um mundo completamente cindido, com a existência de um *Upside Down*⁹, no qual, dependendo de qual lado você se encontra, a realidade pode ser completamente invertida.

E foi nesse contexto que me deparei com a história da deputada e pastora Flordelis. Para resumir uma longa história, Flordelis foi uma das deputadas mais votadas nas fatídicas eleições de 2018, e era conhecida por ser uma pastora fervorosa e cantora gospel, e por ter adotado uma quantia impressionante de crianças (mais de 50), para tirá-las das favelas do Rio de Janeiro – e se auto intitulava cidadã de bem, defensora da moral e da família tradicional brasileira, e parte do movimento Pró-Vida¹⁰. Foi então que, em junho de 2019, seu marido, também pastor, foi brutalmente assassinado - crime inicialmente reportado por ela e pela família como sendo um caso de latrocínio. Quase um ano depois, as investigações começaram a desenrolar uma trama nada

⁸ Dados atualizados em Abril/2021

⁹ *Upside Down*, ou na tradução em português, “O Mundo Invertido”, é uma dimensão paralela e cheia de mistérios que coexiste com o mundo real, parte da série *Stranger Things*, do Netflix.

¹⁰ Movimento Pró-Vida: Grupos que lutam pela proteção da vida humana, desde a concepção, se desenvolveram depois de reagir às tentativas de descriminalização do aborto no Brasil. (<https://www.facebook.com/movprovida/>)

“cristã”: repleto de histórias de disputas de poder e dinheiro, interesses políticos, orgias e pedofilia – onde a principal suspeita do assassinato do marido era a própria Flordelis e seus filhos. Não pude evitar de lembrar dos mitos de *Totem e Tabu* (FREUD, 1913), com a quebra de todos os pactos civilizatórios, onde o pairicídio e o incesto não aparecem como interditados.

Esse caso então me remeteu a um texto interessante de Contardo Calligaris, de mais de dez anos atrás e que me pareceu bastante atual. Neste texto¹¹ ele conta sobre um ex-governador de Nova York que fez sua fortuna política e popularidade por ser um procurador agressivo e inflexível contra os crimes financeiros e contra as redes de prostituição e seus clientes. Interessantemente, descobriu-se um tempo depois que o próprio era cliente assíduo de uma rede de prostituição de luxo e que também recorria a manobras financeiras para que seus pagamentos não fossem identificados. Tamanha hipocrisia foi tema dos principais jornais americanos na época, e uma psiquiatra esclareceu: “é muito frequente que um moralizador raivoso castigue nos outros tendências e impulsos que são os seus e que ele não consegue dominar”. De acordo com Calligaris (2008), o moralizador e o homem moral são figuras diferentes, se não opostas; pois, o homem moral se impõe padrões de conduta e tenta respeitá-los; enquanto o moralizador quer impor ferozmente aos outros os padrões que ele mesmo não consegue respeitar. E aí que está o problema: o padrão moral que ele se impõe, mas não consegue respeitar, é considerado por ele como um padrão que deveria valer para todos – e assim, uma vez estabelecido seu padrão como universal, ele pode, numa posição de poder (como por exemplo a de um promotor, governador ou mesmo de um pastor), impô-lo aos outros, ou seja, ele pode compensar suas próprias falhas com o rigor de suas exigências para com os outros. Uma imposição forçada de um padrão moral não é nunca o ato de um homem moral, é sempre o ato de um moralizador.

Hipocrisia ou verdade? Ou os dois? O enigma do moralizador – e, também, do caso Flordelis – dado como tal, nos remete a um dos principais enigmas da própria psicanálise, que é um “fato desconcertante: o de que somos dois sujeitos, um dos quais nos é inteiramente desconhecido” (GARCIA ROZA, 1990), remetendo ao conceito de inconsciente. Para os filósofos da Grécia antiga, quando se buscava a verdade em um discurso, não se aceitava essa incoerência, dois sujeitos em um. “O que confere legitimidade ao discurso do filósofo é a estrita obediência ao princípio da não contradição, uma exata correspondência entre o pensamento e o ser. O filósofo busca eliminar o erro e o equívoco pelo caminho da não contradição, mas essa eliminação, por mais que se faça, nos levará somente a verdades parciais, mesmo que seu alvo seja a verdade plena.” (GARCIA ROZA,

¹¹ O Moralizador. Artigo publicados na Folha de São Paulo em 2008, e publicado no livro “Todos os Reis Estão Nus”.

1990). Platão acreditava que o único meio era constituir um discurso que contivesse ele próprio seu critério de validade, um discurso que fosse autolegitimado, e essa autolegitimação se traduzia da exigência da não contradição. Mas, se a verdade então se encontrava na certeza subjetiva, como evitar que ela fosse refém de paixões individuais?

Sendo assim, quando falamos de seres humanos como sujeitos desejantes, não existirá somente uma verdade, sem nenhuma contradição. De acordo com Garcia Roza (1990), a psicanálise ainda está em busca da sua verdade, e para ela, a verdade fundamental é a verdade do desejo. Complementado por Jurandir (1991), “o sujeito é essa singularidade revelada na ação e no discurso, e que está no fundamento da emergência do imprevisível. É aquilo que obrigatoriamente pressupomos quando dizemos que o homem pela ação e pelo discurso é capaz do inesperado ou de realizar o infinitamente improvável”.

Já de acordo com Protágoras, mencionado por Garcia Roza (1991), “o homem é a medida de todas as coisas”. Isso não significava a aceitação de um individualismo insuperável, nem tampouco expressava uma recusa de toda e qualquer ordem, mas sim de uma ordem mais transcendente. “Se ele afirmava que a cada coisa podiam corresponder dois juízos opostos, cada um expressando um ponto de vista, e ambos sendo igualmente verdadeiros, aceitava-se também o fato de um juízo ser o dominante por refletir um ponto de vista comum”. Sobre o ponto de vista dominante, inicialmente, havia a figura dos guerreiros - aqueles que tinham uma palavra diálogo, desvinculada do compromisso com a verdade e que dizia respeito à troca de ideias e a uma estratégia de luta. Aquilo que a palavra do guerreiro buscava não era a verdade, e sim a persuasão. O que estava em jogo, sobretudo, era o poder que a palavra exercia sobre o outro, sua capacidade de sedução ou convencimento. Essa palavra deixa de ser privilégio de um indivíduo singular excepcional e inspirado, e passa a ser comum a uma classe, no interior da qual a palavra de cada um tem um igual valor.

Posteriormente, surgiu a figura dos sofistas, que eram vistos por Aristóteles como aqueles que faziam passar por verdade o que eles próprios sabiam ser apenas opinião. Eram os “falsos filósofos” - faziam o ouvinte tomar por verdades o que não se passava de opiniões enganadoras (GARCIA ROZA, 1991). Os sofistas haviam desenvolvido a modalidade de raciocínio que é a refutação: “faculdade de raciocinar sobre qualquer tema proposta partindo das premissas mais geralmente aceitas”. Ao supervalorizar o indivíduo em detrimento do Estado, ao acentuar a ação profana de cada um, os sofistas acabaram pregando uma moral do mais forte que inevitavelmente favorecia a classe dominante. Fato ou *Fake*? Qualquer semelhança não é mera coincidência. Será que estamos revivendo o sofismo?

Outro conceito importante que emerge nesse mesmo contexto é o da moral (e os bons costumes?). De acordo com Kant, a capacidade que o homem tem de diferenciar o certo do errado é inata. Sendo assim, para ele, a moral humana independe da experiência, pois já nascemos com ela. Sendo anterior à experiência, ela é “formal”, ou seja, vale para todas as pessoas, onde quer que elas estejam e em qualquer tempo. Já Freud (1930), confronta a teoria kantiana, dizendo que a moral humana, na verdade é fruto da nossa interiorização da cultura, que nos atravessa através de nossos pais, na instância conhecida como Supereu ou Superego.

Considerado por Freud como nossa instância moral, responsável pela formação dos ideais e pela nossa "voz da consciência", o Supereu é nosso imperativo (AMBERTÍN, 2009). Entretanto, ele carrega algo de escandaloso, pois neurose e moralidade têm a mesma origem, isto é, dependem da resolução das tramas edípicas. "Herdeiro dos conflitos incestuosos e parricidas recalcados, o Supereu tem sua raiz no lado mais obscuro e turbulento da alma humana - o Isso - e retira sua força imperativa da pulsão de morte". Freud mostra que, longe de ser uma lei moral derivada da razão pura, nossa "voz da consciência" nasce dos mesmos elementos que constituem o patológico. (FREUD apud AMBERTÍN, 2009)

A civilização, sendo assim, é sitiada internamente pelo Supereu, este íntimo estrangeiro que revela, na subjetividade, que hostilidade e cultura avançam juntas. Neste sentido, Freud (1913) estabelece sua hipótese de Totem como um sistema (de acordo com leis) determinante dos vínculos sociais dos membros de um grupo. Ele explica a origem da civilização pela morte do pai, que instaura a lei, e sua conseqüente identificação com ele. Se, na horda primitiva, o pai, detentor de todas as mulheres, é morto e incorporado, gerando o tabu e as proibições, é sobre essas proibições – a do incesto – que se funda a civilização, onde o ódio ao pai está na origem, e é do remorso sentido devido ao ódio e à morte do pai que nascem todos os interditos sociais – e isso é fundamental para delimitação do Supereu (STENNER, 2004). O tabu se apresenta como um imperativo insensato que deve ser acatado sobre o risco de se incorrer em gravíssimos e ou mortais castigos. Os preceitos do tabu, então, constituíram o primeiro ‘direito’ ou ‘lei’ (FREUD, 1930). As restrições religiosas, por outro lado, respondem ao mandato de Deus; e as proibições morais estão ancoradas em um sistema que as declara necessárias em termos universais e, em geral servem de apoio ao sistema religioso (AMBERTÍN, 2009).

Vou me permitir uma pequena digressão aqui, mas importante para o entendimento dessa realidade dicotômica que estamos vivendo. Para Freud, a civilização tem de utilizar esforços supremos a fim de estabelecer limites para os instintos agressivos do homem, e assim manter suas manifestações sob controle por formações psíquicas reativas (FREUD, 1930). Não é fácil para o

homem abandonar a satisfação dessa inclinação para a agressão. Porém, em um grupo pequeno, é possível conceder uma via de escape a este instinto, sob a forma de hostilidade contra intrusos. Este é o fenômeno que Freud (1930) chama de “narcisismo das pequenas diferenças”, pois sempre possível unir um considerável número de pessoas no amor, enquanto sobram outras pessoas para receberem as manifestações de sua agressividade. Rixas entre regiões do mesmo país, entre times, entre posicionamentos políticos como o qual estamos vivendo já há alguns anos no Brasil – sim, uma satisfação conveniente e relativamente inócua da inclinação para a agressão, através da qual a coesão entre os membros da comunidade é tornada mais fácil.

Nesse contexto, Rouanet (2004) conta em seu artigo chamado “Os Terríveis Simplificadores”, que o historiador Jacob Burckhardt disse, no final do século XIX, que o século seguinte seria o dos “terríveis simplificadores” – e sua profecia foi realizada. Os dois principais simplificadores do século XX chamaram-se Adolf Hitler e Josef Stálin. Ambos simplificaram a história, reduzindo-a a um confronto maniqueísta entre o bem e o mal, e o resultado foi a produção em massa de seres humanos radicalmente simplificados, convertidos em cinzas e ossadas (ROUANET, 2004). Me parece que o século XXI também conta com a sua cota de simplificadores.

Voltando à questão anterior, Freud diz que a interiorização da autoridade externa, representada pelo Supereu do homem, é altamente valiosa para cultura e a moral. Porém essa interiorização é relativa: dependendo de quais exigências dos impulsos, percebe-se que o homem obedece às respectivas proibições culturais apenas quando pressionado pela coerção externa que se pode fazer valer ou ser de fato temida. O mesmo se passa com a moral; “um número imenso de homens aculturados que recuaria horrorizado diante do assassinato e do incesto, não se priva de satisfazer sua cobiça, seu gosto de agredir e seus apetites sexuais; não deixa de prejudicar os outros por meio da mentira da fraude e da calúnia caso possa permanecer impune ao fazê-lo. E é possível que tenha sido sempre assim há muitas eras da cultura” (FREUD apud AMBERTÍN, 2009).

Neste contexto, a incidência da instância do Supereu está onde emerge o esquartejamento do sujeito: mandatos insensatos que irrompem surpreendentemente no mais “normal” dos sujeitos, compulsões irrefreáveis, coerções inexplicáveis, obediências masoquistas, “traços de caráter” indelévels, práticas autodestrutivas silenciosas ou estrepitosas, atos expiatórios e sacrificiais ligados a culpas infundadas, estrondosos fracassos como respostas ao êxito. (AMBERTÍN, 2009). Este instinto agressivo está diretamente relacionado ao que Freud chama de pulsão de morte. A consciência moral por outro lado, é uma das instâncias do Supereu; “aquilo o que se sabe com a máxima certeza; um saber imediato impróprio do inconsciente que se caracteriza justamente pela sua incerteza pela possibilidade de errar desejantemente” (FREUD, 1930).

Supereu e Consciência Moral não são a mesma coisa. (...) O Supereu não se rege pelo imperativo categórico kantiano: "faz de tua conduta aquilo que possa ser elevado à categoria universal". Isso nos abre o caminho para as intrincadas paragens de gozo e pulsão de morte, onde o Supereu se assenhoreia de seu império e deixa suas marcas: por exemplo, nos traços de caráter. (AMBERTÍN; CARNEIRO; 2009).

O Supereu está ligado ao isso (ou Id) e à pulsão de morte. E, de acordo com Freud (1923), "o Isso é totalmente amoral, o Eu se esforça em ser moral, o Supereu pode ser hipermoral e, então, se tornar tão cruel quanto só ele pode ser". A única moralidade que o imperativo do dever superegóico reconhece é o castigo, ou melhor, a satisfação no castigo. O que acontece, então, no caminho entre a pulsão amoral do isso e a hipermoralidade do Supereu? Num contexto onde a consciência moral é subornável em sua ramificação no Eu e no inconsciente, ao passo que o Supereu é absolutamente incorruptível (AMBERTÍN, 2009), abre-se o caminho para entender melhor a questão da cisão do ego do sujeito, em um processo de defesa.

Anna Freud (1936), nos esclarece que os mecanismos de defesa servem como uma proteção do Eu contra as exigências pulsionais. O motivo que o instiga à defesa não é originalmente seu, e sim quando a pulsão é considerada perigosa, pois o Supereu proíbe sua gratificação - e se alcançar seu objetivo certamente provocará grandes problemas entre o Eu e o Supereu. O Supereu, entretanto, proclama um mandato e pouco se preocupa em saber se poderá obedecê-lo (AMBERTÍN, 2009). Numa neurose, o Eu teme suas pulsões por que teme o Supereu; sua defesa é motivada pela angústia do Supereu. O Eu sai vencedor quando as suas medidas defensivas atingem seus propósitos, isto é, quando habilitam o Eu a restringir o desenvolvimento de angústia e "dor", transformando as pulsões de modo que, mesmo em circunstâncias difíceis, uma certa medida de gratificação seja obtida; assim, se estabelecem as relações mais harmoniosas possíveis entre o Isso, o Supereu e as forças do mundo externo.

E o que acontece com aqueles que atuam de duas formas completamente distintas, aparentemente contraditórias, onde a lei que ele mesmo aplica ao outro ele não segue, na prática? Talvez o famigerado caso Flordelis, ou do promotor de Nova York, que usa sua posição de poder para aplicar uma lei e obter vantagens próprias em cima disso; ou ainda, os casos de padres pedófilos que de tempos em tempos reaparecem das notícias. Começamos então pela explicação de Freud sobre dois outros importantes mecanismos de defesa: a negação (*denial*) e a cisão do ego (*splitting*). O conflito interno é respondido por duas reações contrárias, ambas válidas e eficazes. Por um lado, com o auxílio de certos mecanismos, rejeita-se a realidade e recusa-se a aceitar

qualquer proibição; por outro, no mesmo alento, reconhece-se o perigo da realidade, assume-se o medo desse perigo como um sintoma patológico e subseqüentemente tenta-se desfazer do medo. Ambas as partes na disputa obtêm sua cota: permite-se que o instinto conserve sua satisfação e mostra-se um respeito apropriado pela realidade. Mas tudo tem de ser pago de uma maneira ou de outra, e esse sucesso é alcançado ao preço de uma fenda no ego, a qual nunca se cura, mas aumenta à medida que o tempo passa. No exemplo da perversão, sua característica marcante é a presença de duas atitudes opostas em relação à castração durante toda sua existência (FERRAZ, 2000). Portanto, a saída encontrada na formação da estrutura perversa nada mais é que um meio de contornar a realidade inelutável da castração.

E como se torna possível reconhecer e negar, simultaneamente, a realidade da castração? Para que tal contradição seja mantida, há de se processar essa divisão do ego de modo que este funcione em dois registros diferentes e antagônicos, sem que um anule ou influencie o outro. Devem ser mantidas lado a lado duas atitudes psíquicas excludentes; e serem consideradas simplesmente pela lógica da consciência, uma atitude que se ajusta ao desejo e outra que se ajusta a realidade (FERRAZ, 2000).

Ferraz (2000), em seu livro sobre Perversão, faz menção a McDougall (1989), que diz que se deve encarar a cena que o perverso cuidadosamente monta em forma de ritual como um teatro, mediante o qual há de se provar *ad infinitum* a inexistência da castração. Ou melhor: um enredo cuja intenção inconsciente básica é a demonstração de um triunfo sobre a castração, já que esta é, na verdade, o fantasma que ronda o ato e por ele é visado. Assim, castração é o mote de toda criação perversa. Neste sentido, o perverso tenta impor ao Outro o seu gozo, com objetivo de garantir a existência deste. Ou seja, sua vontade se centra em dar ao outro seu gozo e fazê-lo existir a partir disso que cede; o que o permite manter o saber do seu lado, assim como a certeza de seu gozo (AMBERTÍN, 2009).

Portanto, os perversos, caracterizados assim por sua estrutura psíquica particular – não necessariamente ligada à perversidade manifesta – mantêm uma relação com os objetos na qual estes são manipulados de modo a serem usados, na pior das acepções do termo (FERRAZ, 2000). Este insolente poder de sedução dos perversos resulta da fascinação comumente ligada à subordinação e à depravação dos costumes que constituem o habitual de sua sanção ideológica e mediática (KAUFMANN, 1993). Líderes políticos (qualquer semelhança não é mera coincidência), diretores de empresas, altos membros de igrejas e outros: os perversos estão na casa ao lado. Calligaris (2008) conclui que as sociedades em que as normas morais ganham força de lei (os Estados confessionais, por exemplo) não são regradas por uma moral comum, nem pelas aspirações de

poucos e escolhidos homens exemplares, mas por moralizadores que tentam remir suas próprias falhas morais pela brutalidade do controle que eles exercem sobre os outros. “A pior barbárie é isto: um mundo em que todos pagam pelos pecados de hipócritas que não se aguentam” (CALLIGARIS, 2008).

E é aqui que nos encontramos em plenos anos 2020 – com a sensação de que existe uma dimensão paralela que divide a população em duas partes em que uma recusa a existência da outra, porém sem se anularem mutuamente. Será que estou no mundo real ou no *Upside Down*? Enquanto isso, a cada dia que passa, se renova a sensação de impotência: de estarmos continuamente assistindo a uma cena cindida, com dois discursos contendo realidades completamente distintas (o Coronavírus é uma ameaça real ou uma criação chinesa? A Amazônia está ou não pegando fogo? O governo foi contra ou a favor da vacina desde o começo? A Flordelis é assassina ou injustiçada? – quem está falando a verdade, se é que ela existe?), e ao mesmo tempo sendo objeto do gozo de líderes perversos – os mesmos que decidem nossas leis e nosso futuro como país, são aqueles que nos manipulam, nos roubam, nos violentam e nos matam.

Referências

- AMBERTÍN, Marta-Gerez. As vozes do Supereu – na clínica psicanalítica e no mal-estar da civilização. Companhia de Freud. Rio de Janeiro: 2009.
- CALLIGARIS, Contardo. O Moralizador. Artigo publicado na Folha de São Paulo em 20 de março de 2008. Publicado em: Todos os Reis Estão Nus. São Paulo, 2013.
- COSTA, Jurandir F. Narcisismo em tempos sombrios. Em : Tempo do Desejo: Sociologia e Psicanálise. São Paulo: Ed Brasiliense, 2a edição, 1991.
- FERRAZ, FLAVIO CARVALHO. Perversão. Coleção Clínica Psicanalítica. Casa do psicólogo. São Paulo, 2000.
- FREUD, ANNA. O Ego e os mecanismos de defesa. 1936. Artmed. Porto Alegre, 2006.
- FREUD, Sigmund. A divisão do ego no processo de defesa ((1940 [1938])). Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Volume XXIII. Ed Imago.
- FREUD, Sigmund. A Negativa (1925). Em Obras Completas, Vol XIX. Ed Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. Fetichismo (1927). Em Obras Completas, Vol XXI. Ed Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. Mal Estar na Civilização (1930). Em Obras Completas Volume 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FREUD, Sigmund. Totem e tabu (1913). Em Obras Completas Volume 11. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GARCIA ROZA. Palavra e verdade em psicanálise – Na filosofia antiga e na psicanálise. Jorge Zahar Editor. São Paulo: 1990.
- KAUFMANN, Pierre. Dicionário enciclopédico de psicanálise – o legado de Freud e Lacan. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro: 1993.
- ROUANET, SERGIO PAULO. Os terríveis simplificadores. Artigo publicado em: Folha de S. Paulo - Revista Mais (São Paulo - SP) em 04/1/2004. Disponível em: <http://www.academia.org.br/artigos/os-terríveis-simplificadores>
- STENNER, Andreia da S. A Identificação e a Constituição do Sujeito. PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO, 2004, 24 (2), 54-59.

1º Semestre 2021

Ciclo V

Aluno: Sylvia Amélia Vidal Zobarán

Título: TO ESTUDANDO PARA SABER IGNORAR ou COMO DESCOBRI QUE A FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE COMEÇA PELO FIM

1. *E é melhor do que OU*

Meu título vem da poesia de Tom Zé, a canção se chama Tô. Reproduzo a letra:

Tô bem de baixo prá poder subir
Tô bem de cima prá poder cair
Tô dividindo prá poder sobrar
Desperdiçando prá poder faltar
Devagarinho prá poder caber
Bem de leve prá não perdoar
Tô estudando prá saber ignorar
Eu tô aqui comendo para vomitar
Eu tô te explicando
Prá te confundir
Eu tô te confundindo
Prá te esclarecer
Tô iluminado
Prá poder cegar
Tô ficando cego
Prá poder guiar
Suavemente prá poder rasgar
Olho fechado prá te ver melhor
Com alegria prá poder chorar
Desesperado prá ter paciência
Carinhoso prá poder ferir
Lentamente prá não atrasar
Atrás da vida prá poder morrer
Eu tô me despedindo prá poder voltar

Tô poderia ser o tema do carrossel nesse parque de diversões dos paradoxos que é a psicanálise. O que se vê não é, mas sempre pode ser e pode ser também outra coisa.

A entrada do parque é o paradoxo dos paradoxos. Começamos a estudar para aprender que "nenhuma escola ou universidade pode formar um analista" (Zygouris, 2011, p.29). Quando sabemos nada, aí nos pedem para produzir conhecimento, para escolher um tema e escrever um texto! Como assim?

Depois de dois anos e alguns textos surge uma nova questão: escrever sobre a psicanálise sem experiência clínica, começa a parecer uma impostura. Todos os psicanalistas de que tenho notícia, desde Freud, constroem teoria a partir da prática. Meus escritos até aqui foram observações de interações sociais, de obras de ficção, exercícios. Na melhor das hipóteses, textos sobre psicanálise. Não desfaço deles, nem do que me trouxeram, mas quero agora poder falar de algo que tenha acontecido - em alguma medida - entre uma poltrona e um divã. Por isso venho falar da formação, mais especificamente da minha.

O que se segue é uma reflexão tão irrelevante quanto necessária, talvez pessoal demais. Sendo o meu leitor, ela mesma, psicanalista, abuso de sua paciência para reler o que já leu e se encantar com a velha novidade que venho de descobrir!

2. Desejo

À pergunta se impôs logo no início: *é possível se (me) formar psicanalista?* Respondo hoje com outra pergunta: *Por que se fala em **formar** um psicanalista?*

Nossos professores são todos psicanalistas, igualmente convictos de princípios às vezes opostos. Em comum têm a prática clínica, o desejo de transmitir a psicanálise e a certeza de serem - eles ou seus mestres - os legítimos descendentes de Freud. Essa variedade confunde. Confunde, como canta Tom Zé, para esclarecer.

Santo Agostinho disse, lá pelos anos 400, no sermão sobre o amor: Ama e faz o que quiser! Ele defendia que o que se faz por amor agrada a Deus, mais ou menos isso. Na psicanálise tenho ouvido um princípio que guarda com esse um paralelo: *o analista pode fazer qualquer coisa desde que saiba o que está fazendo*. Parafraseando Santo Agostinho: Sabe e faz o que quiser! Pode ser um referencial complicado, se o amor e o saber caírem na mesma medida do bom senso, aquilo que todo o mundo tem de sobra, mas, ainda assim, a ideia por trás dos dois princípios é um caminho. Antes de mais nada, trata-se de seguir poucas regras, de adquirir um tipo de liberdade que permite querer e que leva a querer fazer. Nos dois casos, é preciso aprender, internalizar, transigir e, em certa medida, transgredir. É preciso ser livre e é preciso querer. A formação é a construção dos limites dessa liberdade. Seguem os paradoxos.

Não quero adquirir uma forma e quero menos caber em uma fôrma. Prefiro pensar que a/o psicanalista se constrói. Não almejo ser franquia de alguma cadeia de *fast food*, agente de uniformização, que ignora a especificidade de cada um, (de cada dois, de cada relação), e se apoia na autoridade de um jargão hermético. Não se trata disso. Busco construir minhas referências certa de que “a padronização é acompanhada pela mediocridade” (Kuperman, 2013, p.39) e que se juntarmos um tanto de amor ao saber, teremos um bom caminho.

3. Falta

O primeiro contato com a teoria foi avassalador. Não é gradual, não é cronológico. Tive certeza de que eu nunca seria capaz de ler tudo, de entender nada! As palavras estavam em português, mas as frases soavam como língua estrangeira. Queria avisar que era iniciante e tinham me colocado, por engano, em uma turma de conversação avançada! Essa foi a primeira (dolorosa) lição: eu me vi incapaz de aprender! Pela primeira vez minhas ferramentas não foram nem de perto suficientes. Havia uma luz, repete-se muito que a formação se assenta em um tripé: teoria, análise e supervisão. Além disso “Psicanálise aprende-se em si mesmo” (1926a, p. 224) era uma das poucas frases de Freud que parecia fazer sentido. Juntando as duas coisas entendi que pra mim não seria possível aprender aquilo sem fazer análise. Talvez seja para alguns, mas desconfio que a teoria não ultrapassará os limites do texto, ficará contida nas duas dimensões do papel, incapaz de se embrenhar nas bem mais de três dimensões do humano.

A formação necessita da análise não só porque Freud falou, mas porque “a formação do analista é uma formação do inconsciente” (Melo e Paiva, 2013, p.156). É a formação de uma nova possibilidade de ser, uma nova possibilidade de entendimento que é também estranhamente concreta, bastante física. Freud afirma a necessidade da análise pessoal para “quem quiser levar a tarefa a sério” e diz que só assim “adquiriremos impressões e convicções no próprio corpo que em vão buscamos alcançar a partir do estudo de livros e ouvindo conferências” (Freud, 1912. p. 100). É físico! Acontece que para entender também isso, é preciso experimentar e permitir-se descobrir com alarde o que todos já sabem.

Entendo hoje que essa experiência da ignorância, seja ela proposital ou não, é parte importante da formação. Viver a angústia profunda do não saber, do não bastar para querer emprestar à construção desse novo saber, que será um não saber, todos os sentidos porque sobre eles, e não apenas sobre a razão, irá se assentar o conhecimento teórico e muito do que se faz na prática.

A teoria pouco a pouco se apropria de nós, corpo, mente e, para horror de alguns, alma!¹²

Poder perceber (às vezes) o que faz seu analista é mesmo encantador e assim também se aprende, mas isso é só um brinde. O aprendizado da análise é outro. “É Preciso conhecer como a palma da mão todas as pedras desse lugar onde o chão foge debaixo dos pés para se conhecer, **sem ser pelo saber**, em que forças radicais e contraditórias estamos enredados.” (Leclaire, 1977, p.36. O grifo é meu) . É preciso saber-se não pelo saber para se empenhar nesse esforço de poder, um dia diante de um outro, ser maleável o suficiente para deixar de ser na certeza de poder voltar a ser e entender que a psicanálise não é uma nova identidade, “é uma função que altera o próprio ser daquele que a suporta” (Zygouris, 1999, p.68).

É a análise pessoal que permite que se abram os espaços internos para abrigar esse saber perturbador, físico, anímico e intelectual, para que se possa, no futuro almejar "sustentar a ignorância do analista (que) é **o único modo** pelo qual se pode produzir um saber novo e, em decorrência disso, um novo amor, e uma esperança para a sobrevivência da psicanálise" (Dominguez, 2013, p. 164. O grifo é meu)

4. Mais que dois, no mínimo 3.

Estando estabelecido que também eu, como Riobaldo “quase nada não sei” digo, também como ele, que “desconfio de muita coisa”. (Rosa, 1986, p.14)

É necessário ler, ouvir, debater, estudar. Quanto mais e com mais qualidade, melhor. A teoria tem dificuldades próprias e uma adicional: é preciso estudar o suficiente para desconfiar do seu conhecimento! O saber é necessário, mas é um perigo acreditar muito nele. Estudar psicanálise me parece mais um meio de *de ficar cego pra poder guiar*, como diz Tom Zé, para não correremos o risco de “partir para a ignorância da certeza absoluta”. (Dominguez, 2013).

Não sou uma iniciante jovem, não terei mesmo tempo pra ler tudo, mas a essa altura já sei que ninguém leu tudo. Desconfio das unanimidades, das soluções fáceis, um pouco também dos chavões e, principalmente dos mestres inquestionáveis. Já não acredito em absolutos e acho um pouco de graça quando alguém se pretende neutro.

Escuto muitas vezes uma máxima atribuída a Lacan : “o psicanalista é um lugar”. Não sei onde ele disse isso assim, mas entendo que essa afirmação, repetida de segunda mão e fora de contexto seja

¹² Freud traduz *Psyché* do grego por *Seele* (1890, p. 19). A questão é que *Seele* e *Psyché* abarcam também algo da cognição, enquanto que alma em português acaba por ter um sentido religioso, mas *Die Seele* é, em português alma. Se Freud quisesse escrever espírito tinha toda uma outra palavra para escolher. Aqui já bem longe do cientificismo do início do século passado, incluo o elemento faltante: corpo, mente e alma.

difícil de engolir apenas porque está claro que por melhor que seja o analista, *ser* um lugar não estará ao seu alcance. Mais, se estivesse, ele teria alcançado seu objetivo e estaria bem feliz, satisfeito *sendo*. Nada bom. Nasio afirma que “O que está em jogo na análise não é o ser do analista, é o lugar no qual é preciso que ele se instale. Se ele se instala ali, escuta, percebe e causa o tratamento” (Nasio, 1999 p.128). Dá um certo alívio ver que a diferença entre ser e estar, ausente do francês, está preservada para Nasio. Ele não quer que o analista **seja** outra coisa, diz aliás que não é isso que interessa, interessa o lugar onde ele **está**!

Desconfio de ideias que, como essa, são repetidas à exaustão, porque elas passam a existir por si, como se não precisassem mais o suporte da língua e nem mesmo da compreensão. Metáfora é ilustração, é substituto, não é a coisa em si. Não podemos acreditar tanto nela! No esforço de explicar o inexplicável, Serge Leclaire nos oferece muitas imagens. Define o psicanalista como um nada; uma orelha; um lugar-tenente. Insiste que o psicanalista seja alguém capaz de ver sombras e ouvir intervalos, de não se identificar com nada, de se desprender de representações, de se desalojar. (Leclaire, 1977. p. 37). Ele fala de uma certa "permanência enganosa da poltrona" (1977, p.29) e ainda adverte: "seja qual for o lugar que nos atribuam, não devemos aderir a ele" (Leclaire, 1977 p.2). Entendo também que mesmo que esse lugar nos seja atribuído por um belo corpo teórico, ainda assim é melhor não aderir a ele.

Nos textos sobre a técnica, Freud toma muitos cuidados em não dar uma receita e não deixar que o analista acredite demais em suas capacidades, embora queira mostrar como se pode desenvolvê-las e exercê-las. Sobre a transferência amorosa, ele diz: “Quanto mais **dermos a impressão** de estarmos, nós mesmos imunes a toda tentação, mais facilmente poderemos extrair da situação seu teor analítico” (Freud, 1915, p. 174). Imunes não estaremos. Melhor saber disso. Leclaire faz graça de quem se crê “liberto dos seus complexos”; “douto senhor do próprio desejo”; “sábio dos tempos modernos” (Leclaire, 1977, p. 35).

O analista precisa se saber limitado, não por virtude e nem modéstia, mas para o bom exercício de seu ofício. Nesse esforço, entendo que não existe neutralidade absoluta possível e que mesmo, acreditar nela seria outra armadilha. “Freud não pretende que o analista seja neutro, mas que esteja comprometido com o exercício da abstinência” (Karin de Paula, em aula do CEP, 2020).

Abstinência não é um nome chique de neutralidade, não adianta substituir uma palavra pela outra. Abstinência é das poucas regras de conduta que temos e é precisamente poder reconhecer a sua implicação e escolher o que fazer com ela. Em Observações Sobre o Amor Transferencial (1915), Freud afirma que trabalhar em abstinência, não é não dar nada, pois isso ninguém aguenta, mas

manter no paciente o anseio e a necessidade que são motor da mudança em lugar de aplacá-los pela oferta de substitutos.

Essa parte não será fácil e nem divertida, como não o é abrir mão de um vício. Bom pensar assim.

Neutralidade como eu entendo, é um poder meio superior, reservado aos sábios, que não se misturam nas agruras humanas, abstinência, bem em outro campo, é o que se pede aos adictos.

A análise se dá em uma relação que é diferente de todas as outras, mas ainda assim, são dois, não um e uma parede. Radmila Zygouris diz que são dois e o espaço entre eles. Ela não tem medo de dizer que “quando o caso é o outro não estamos na psicanálise” (Zygouris, 2011p. 32). O espaço entre os dois é onde se dá a psicanálise pois o analista “é solicitado em suas reações transferenciais e se dá conta que tem um inconsciente trabalhando nessa relação” (p.27). Se o analista pretende não levar em conta sua participação naquela análise estaremos no campo da medicina, da psicologia, da psicoterapia (Zygouris, 2011). Levar em conta sua participação deve ser diferente de ser por a participar. Acho que esse é o desafio dessa posição ética de abstinência e talvez essa seja a neutralidade de que se fala, com um valor de conceito, e que se pode almejar. Um estar como se fosse, sabendo que não é.

Ricardo Goldenberg diz que “não adianta pedir [ao analisando] que ele se dê se [o analista] não estiver disposto a corresponder” (Goldenberg, p.74). Não adianta. Não diz não pode ou não deve, mas que não adianta. Não funciona. Ele faz as ressalvas de que não acredita na simetria na relação, são dois diferentes, mas “a experiência analítica não é só de quem estrebucha sobre o divã”. É preciso estar disposto a corresponder que é estar disposto a de alguma forma, amar, um amor novo. Goldenberg faz uma referência bem humorada a colegas que se conduzem como se estivessem de fora da situação “olhando para ela como o antropólogo a um ritual de índios” (Goldenberg, p.74). Acrescento que, antropólogos que olham de fora a um *ritual de índios*, como se sua presença fosse inócua ou como se fossem capazes de descrever realmente a interação humana pela observação externa, correm o risco de terminar como o antropólogo imaginado por Umberto Eco (1994) que, ao descrever Milão enxerga a entrada do metrô como um ritual de sacrifício humano, a indústria como instituição religiosa ascética, o futebol como uma festa de canibalismo. Tudo muito bem justificado pela observação “externa”, isenta, acadêmica, embasada na melhor ciência.

Não funciona para os antropólogos, que dirá para os psicanalistas.

5. Teoria, análise pessoal e

Radmila Zygouris afirma que o que se aprende nas instituições de formação, as tais incapazes de formar analistas, é cultura psicanalítica, que “a análise se aprende *in vivo*” (2011, p. 29). Um século

antes Freud vem reforçar essa afirmação dizendo que o estudante de psicanálise pode aprender a teoria nos livros e em debates com os mais experientes, que a experiência prática, ele adquire com sua análise pessoal e “ao levar a cabo os tratamentos, uma vez que consiga supervisão e orientação de psicanalistas reconhecidos.” (Freud, 1919)

Transformamos ligeiramente o tripé da formação, talvez para facilitar a vida dos iniciantes, talvez para torná-la possível, porque Freud não fala em teoria; análise; supervisão, mas em teoria; análise e prática clínica supervisionada.

É preciso exercer o ofício, para se formar, portanto é preciso exercê-lo antes de se formar, por extensão, é preciso, em algum ponto, mentir. Mentir quando a ética nos impele a trabalhar sempre com a verdade, quando “o tratamento psicanalítico se constrói sobre a veracidade” (Freud 1915).

Para Hannah Arendt mentir é poder imaginar uma situação diferente da que se apresenta, a mentira seria, nesse caso, um motor de mudanças (apud Lafer, 2007).

Aceitar isso que estou chamando de mentira é aceitar também o limite e a falta. Aceitar a mentira é transformá-la em uma ética de liberdade, de criatividade, que prescinde de absolutos e definitivos, resultando em uma verdade que será sempre parcial e temporária. Aceitar a mentira é querer construir um estilo a partir dessa ética, com toda a honestidade e no compromisso com o amor de quem busca ser *carinhoso para poder ferir*. Aceitar a mentira é saber que o psicanalista se forma a cada sessão, a cada vínculo que estabelece, a cada análise a qual se empresta e onde se empenha. E foi assim que descobri que começamos pelo fim! A teoria é a última coisa da qual podemos nos ocupar porque sem análise e sem prática ela apenas não está ao nosso alcance. Acontece que, sem tentar começar pela teoria não podemos descobrir isso!

Além disso, entender conceitos é bem mais que repetir palavras. Leva tempo. Quem aprende um idioma decorando palavras cai naquela caricatura de turista que consegue pedir direções, mas se perde no caminho pois não é capaz de entender a resposta.

E “(...) como nós mesmos não estamos livres de incorrer nos erros que caçamos nos outros” (Freud, 1915. p.166) conclui, a partir de Lacan-de-segunda-mão-ouvido-pelos-corredores: assim como a mulher e a relação sexual, quem sabe também o psicanalista não existe?

Não sou a favor da fabricação de visões do mundo. Isso deve ser deixado para os filósofos, que confessadamente acham inexequível a jornada da existência sem um guia de viagem como esse, que informa sobre tudo. (Freud, 1926b p. 225)

Referências

COSTA PEREIRA, Mário Eduardo: A nada santa alma freudiana. Disponível em

<<http://bsfreud.com/notAlmaFreudiana.html>>

DOMINGUEZ, Arnaldo: A eficácia simbólica na clínica do ato. In: Duvidovich, E (org) **Diálogos Sobre Formação e Transmissão em Psicanálise**.

ECO, Umberto: Indústria e Repressão Sexual Numa Sociedade Padana, in: **Diário Mínimo**, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1994.

FREUD, Sigmund. (1890): Tratamento psíquico, tratamento anímico. In **Fundamentos da Clínica Psicanalítica**. Belo Horizonte, Autentica, 2017.

_____ (1912): Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico. **Idem**.

_____ (1915): Observações sobre o amor transferencial. **Idem**

_____ (1919): Sobre o Ensino da Psicanálise em universidades

<http://www.freudonline.com.br/livros/volume-17/vol-xvii-6-sobre-o-ensino-da-psicanalise-nas-universidades-19191918/>

_____ (1926a): A questão da análise leiga. Conversas com uma pessoa imparcial. In **Fundamentos da Clínica Psicanalítica**. Op.cit.

_____ (1926b) Inibição, Sintoma e Angústia. Obras Completas v. 17. Companhia das Letras. Edição Kindle.

GOLDENBERG, Ricardo: **Do amor louco e outros amores**. São paulo, instituto Langage, 2013.

KUPERMANN, Daniel: Quem quer ser o senhor da sua própria casa. In: Duvidovich, E (org). Op Cit.

LAFER, Celso: Sobre a mentira, transcrito de O Estado de S. Paulo, 20/07/2008

<https://www.flc.org.br/sobre-a-mentira-celso-lafer/>

LAPLANCHE e PONTALIS: **Vocabulário de Psicanálise**. Rio de Janeiro, Martins Fontes, 2016

LECLAIRE, Serge: **Desmascarar o Real**. Lisboa, Assírio e Alvim, 1977

MELO E PAIVA, Silvia Marina: Os desafios na formação do psicanalista. In: Duvidovich, E (org). Op

ROSA, João Guimarães: **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

TAVARES, Pedro Heliodoro. Notas à tradução de FREUD, Sigmund. (1890): Tratamento psíquico, (tratamento anímico). In **Fundamentos da Clínica Psicanalítica**. Op cit.

TOM ZÉ: Estudando o Samba, Warner Musica Brasil, 1976

ZYGOURIS, Radmila: **Psicanálise e Psicoterapia**. São Paulo, Via Lettera, 2011.

_____ : **Pulsões de Vida**. São Paulo, Escuta, 1999.

1º Semestre 2021

Ciclo VI

Aluno: Antônio Lopes Emygdio

Título: VIVER É PERIGOSO! A TRAVESSIA ANALÍTICA DE RIOBALDO EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS

"O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão"
Riobaldo.

O prefácio da primeira edição¹³ de Grande Sertão: Veredas, obra-prima de João Guimarães Rosa, já adianta ao leitor que sua tarefa será árdua: uma leitura extensa, um texto sem divisões e uma linguagem regional cheia de neologismos. Entretanto, mais que isso, chama-nos a atenção a similaridade da descrição de Paulo Rónai com o caminho percorrido em um tratamento psicanalítico:

"(...) A linguagem condensada, elíptica, regional e individual ao mesmo tempo, embora dentro da linha dos livros anteriores, impõe ao interesse um período de adaptação. Além disso, a história tarda a começar, o narrador parece experimentar vários rumos, embrenha-se num atalho, marca passo, desvia-se, volta ao ponto inicial, recomeça a ação, parece fragmentar-se num labirinto de episódios desconexos. Mas, lembrados de Sagarana e Corpo de baile, confiamo-nos sem reserva ao autor, sigamo-lo por seus caminhos tortuosos: de repente, após uma travessia do rio São Francisco, ele nos faz desembocar numa estrada real, de horizonte dilatado, por onde a

¹³ Reproduzido em "Rosa, João Guimarães - Grande Sertão: Veredas, 21.ed. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2015".

história se desenrola ampla, épica, irresistível, levando de roldão qualquer estranheza ou resistência".

Paulo Rónai, 1956.

Embora seja tentador fazer uma análise da estrutura psíquica de Riobaldo, personagem principal da obra, em moldes semelhantes aos que Freud fez de Daniel Paul Schreber, no conhecido texto de 1911¹⁴, optou-se por uma espécie de associação livre com passagens marcantes do livro interpretadas sob uma ótica psicanalítica.

Como uma forma de homenagem à beleza da escrita de Guimarães Rosa, e à simples mas extraordinária sabedoria do protagonista, o uso de citações da obra será o fio condutor deste texto.

Em *Grande Sertão: Veredas*, Guimarães Rosa conta a história de Riobaldo, ex-jagunço errante pelo interior de Minas Gerais, Bahia e Goiás. O método escolhido pelo autor é a narração em primeira pessoa a um interlocutor desconhecido. Assim, ao longo das quase 500 páginas da obra, testemunhamos a história de um homem órfão de pai, criado pelo padrinho fazendeiro, e que, pelos acasos da vida, acaba se tornando membro de um grupo de jagunços que buscam, à sua maneira, fazer justiça no interior de um sertão rica e detalhadamente descrito pelo narrador.

Tão importante quanto a dimensão estética da obra é, em minha opinião, o acesso que temos ao mundo interior do personagem. As suas digressões e dúvidas, embora partam de um homem simples e com pouca instrução formal, comunicam-se com as mais intrigantes questões existenciais humanas. Pergunta-se Riobaldo:

"Quem sabe direito o que uma pessoa é? Antes sendo: julgamento é sempre defeituoso, porque o que a gente julga é o passado."

"Todos estão loucos, neste mundo? Porque a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça, para o total."

"Então, onde é que está a verdadeira lâmpada de Deus, a lisa e real verdade?"

Além de questões metafísicas universais, ele questiona sua existência e seus próprios desejos:

"(...) mas, eu, o que é que eu era? Eu ainda não era ainda. Se ia, se ia."

¹⁴ FREUD, S. Obras completas, volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913) - 1a ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

"E, o que era que eu queria? Ah, acho que não queria mesmo nada, de tanto que eu queria só tudo. Uma coisa, a coisa, esta coisa: eu somente queria era – ficar sendo!"

"Posso me esconder de mim?"

"Em certo momento, se o caminho demudasse – se o que aconteceu não tivesse acontecido? Como havia de ter sido a ser?"

À medida que a leitura do texto avança, fica difícil não traçar paralelos entre a relação que ele cria com o ouvinte por nós desconhecido – e as revelações que daí surgem – e o desenvolvimento de um processo psicanalítico.

Pela quantidade de dúvidas que Riobaldo relata ter tido durante suas andanças como jagunço, talvez não fosse precipitado concluir por um diagnóstico de neurose obsessiva¹⁵:

"Porque – eu digo ao senhor – eu mesmo duvidava."

"Todos deviam de me obedecer completamente. Só eu não queria abusar. Por que não queria? Ah, então, eu estava em dúvidas."

"Assim: eu sem segurança nenhuma, só as dúvidas, e nem soubesse o que tinha de fazer."

A culpa também é um sentimento que acompanha o personagem narrador e pode vir a confirmar nossa suspeita sobre esse eventual diagnóstico:

"Sei que tenho culpas em aberto. Mas quando foi que minha culpa começou?"

"Senti, em minha goela. Aquela culpa eu carregava?"

"Eu tinha culpa de tudo, na minha vida, e não sabia como não ter."

Vale observar, ainda, que mesmo demonstrando ser o mais forte dos guerreiros, Riobaldo mostra-se alienado ao desejo do outro, um dos pilares da estrutura neurótica:

"Eu queria que ele gostasse de mim."

Entretanto, mais importante do que a definição da estrutura psíquica de nosso personagem, é a constatação de que o relato de toda sua história de vida a um desconhecido – que em nenhum momento do livro se manifesta – tem efeito terapêutico, inclusive por ele reconhecido. Assim, Riobaldo, sem saber, confirma a grande descoberta de Freud e Breuer: a cura pela palavra¹⁶.

¹⁵ FREUD, S. Obras completas, volume 9: Observações sobre um caso de neurose obsessiva [O homem dos ratos], Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910) - 1a ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

¹⁶ FREUD, S. Obras completas, volume 2: Estudos sobre a histeria (1893-1895) em coautoria com Josef Breuer - 1a ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

"O senhor é de fora, meu amigo mas meu estranho. **Mas, talvez por isto mesmo. Falar com o estranho assim, que bem ouve e logo longe se vai embora, é um segundo proveito: faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo.**"

"Mas conto. **Conto para mim, conto para o senhor.** Ao quando bem não me entender, me espere."

A este interlocutor, Riobaldo revela seus dois grandes dilemas: seu amor pelo companheiro de jagunçagem Diadorim e sua dúvida sobre se teria ou não vendido a alma ao diabo. Embora essas sejam dúvidas que lhe ocorreram há muitos anos, ele não esconde sua atualidade, sua presença no momento em que ele as relata:

"Comigo, as coisas não têm hoje e antônem amanhã: é sempre. Tormentos. Sei que tenho culpas em aberto. Mas quando foi que minha culpa começou? O senhor por ora mal me entende, se é que no fim me entenderá. Mas a vida não é entendível."

A relação com esse ouvinte chama a atenção pela similaridade com o relacionamento entre o analisando e seu analista. São várias as questões associadas ao vínculo da dupla analítica que podem ser exploradas.

A ideia de um suposto saber¹⁷ por parte do analista aparece em muitas passagens. Nessas, o protagonista constantemente atribui ao interlocutor uma sabedoria ou superior capacidade de entendimento mesmo que, em nenhum momento, haja qualquer menção às reais qualificações do personagem incógnito:

"Ah, eu só queria era ter nascido em cidades, feito o senhor, **para poder ser instruído e inteligente.**"

"Ah, o que eu prezava **de ter era essa instrução do senhor**, que dá rumo para se estudar dessas matérias..."

A atitude reservada, abstinente e livre de julgamentos, recomendada por Freud em seus escritos técnicos¹⁸, também é reconhecida pelo jagunço em seu interlocutor:

¹⁷ "Depois desse avanço, Lacan introduziu em seu seminário do ano de 1961-1962, dedicado à identificação, uma nova perspectiva. A transferência aparece ali como a materialização de uma operação que se relaciona com o engano e que consiste em o analisando instalar o analista no lugar do "sujeito suposto saber", isto é, em lhe atribuir o saber absoluto". Roudinesco, Elisabeth, 1944 — Dicionário de psicanálise/Elisabeth Roudinesco, Michel Plon; — Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

¹⁸ FREUD, S. Obras completas, volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913) - 1a ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

"O senhor é homem de pensar o dos outros como sendo o seu, **não é criatura de pôr denúncia.**"

A escuta atenta dispensada pelo analista, e empática, em uma visão Ferencziana¹⁹, também é valorizada pelo personagem principal:

"**O senhor é homem de pensar o dos outros como sendo o seu**, não é criatura de pôr denúncia."

"Mas o senhor é homem sobrevivendo, sensato, fiel como papel, **o senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz, então me ajuda.**"

"Agora, neste dia nosso, com o senhor mesmo – **me escutando com devoção assim** – é que aos poucos vou indo aprendendo a contar corrigido."

No setting analítico também surgem aspectos característicos do "funcionamento" do sujeito (ou clichês, segundo Freud) que conhecemos como transferência²⁰. Esses aspectos transferenciais atualizam, na relação com o analista, sintomas, fantasias e desejos do analisando e aparecem constantemente no discurso do personagem:

"**Invejo é a instrução que o senhor tem.** Eu queria decifrar as coisas que são importantes."

"**O senhor é bondoso de me ouvir.** Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe."

"**Desculpa** me dê o senhor, **sei que estou falando demais**, dos lados."

"De mim, toda mentira aceito. **O senhor não é igual?** Nós todos. Mas eu fui sempre um fugidor. Ao que fugi até da precisão de fuga."

"O senhor é um **homem soberano, circunspecto. Amigos somos.**"

Por outro lado, por mais que o analista pratique uma escuta atenta e empática, é impossível que se coloque exatamente no lugar do outro. Além de impossível, é também contra-indicado que isso aconteça: uma relação analítica implica o reconhecimento de alteridades. Riobaldo nos lembra dessas questões:

"Para que conto isto ao senhor? Vou longe. **Se o senhor já viu disso, sabe; se não sabe, como vai saber? São coisas que não cabem em fazer ideia.**"

¹⁹ FERENCZI, S. "A elasticidade da técnica psicanalítica" - Obras Completas Psicanálise IV, São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 25.

²⁰ "É perfeitamente normal e compreensível, portanto, que o investimento libidinal de uma pessoa em parte insatisfeita, mantido esperançosamente em prontidão, também se volte para a pessoa do médico. Conforme nossa premissa, tal investimento se apegará a modelos, se ligará a um dos clichês presentes no indivíduo em questão (...)". FREUD, S. Obras completas, volume 10: A dinâmica da transferência (1912) - 1a ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 136.

"O senhor não pode estabelecer em sua ideia a minha tristeza quinhoã."

"Como vou contar, e o senhor sentir em meu estado? O senhor sobrenasceu lá? O senhor mordeu aquilo? O senhor conheceu Diadorim, meu senhor?!"

Até as dificuldades em transmitir nossos sentimentos pela linguagem são abordadas pelo sertanejo:

"Muita coisa importante falta nome."

"Só outro silêncio. O senhor sabe o que o silêncio é? E a gente mesmo, demais."

"O que sinto, e esforço em dizer ao senhor, repondo minhas lembranças, não consigo; por tanto é que refiro tudo nestas fantasias."

Em seus caminhos, Riobaldo conhece Reinaldo, a quem ele chama de Diadorim. Logo ele percebe que seus sentimentos por Diadorim significam mais que de uma simples amizade: é amor. Mas o amor da sua vida é um homem, jagunço como ele. Como não é possível, cabível, dar seguimento a esse amor, é necessário negar esse desejo:

"Deixei meu corpo querer Diadorim; minha alma? Eu tinha recordação do cheiro dele. Mesmo no escuro, assim, eu tinha aquele fino das feições, que eu não podia divulgar, mas lembrava, referido, na fantasia da ideia. Diadorim – mesmo o bravo guerreiro – ele era para tanto carinho: minha repentina vontade era beijar aquele perfume no pescoço: a lá, aonde se acabava e remansava a dureza do queixo, do rosto... Beleza – o que é?"

"De Diadorim eu devia de conservar um nôjo. De mim, ou dele?"

"Mas repeli aquilo. Visão arvoada. (...) De que jeito eu podia amar um homem, meu de natureza igual, macho em suas roupas e suas armas, espalhado rústico em suas ações?! Me franzi. Ele tinha a culpa? Eu tinha a culpa?"

"Mas, dois guerreiros, como é, como iam poder se gostar, mesmo em singela conversação – por detrás de tantos brios e armas?"

Riobaldo sente-se dividido entre seu desejo e sua imagem perante o grupo, sua posição como homem jagunço e líder do bando. Desse sentimento ele intui a existência do inconsciente em cada um de nós, de nossa divisão subjetiva, e parece ter consciência de nossas limitações quanto ao que conhecemos de nós mesmos:

"Eu era dois, diversos?"

"Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe; mas principal **quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba.**"

Assim, ele constata que nossas atitudes não são necessariamente guiadas por nossos interesses ou vontades conscientes. Ele percebe, por exemplo, que apesar de ter se esforçado para desenvolver um sentimento de amor por Otacília, uma boa moça que conhecera em uma de suas paradas para pouso, ele continuava, inconscientemente, afastando-se da fazenda onde ela morava e, assim, permanecia perto de Diadorim, seu real, mas proibido, amor:

"Otacília estava guardada protegida, na casa alta da Fazenda Santa Catarina, junto com o pai e a mãe, com a família, lá naquele lugar para mim melhor, mais longe neste mundo. **E eu, sem ser por motivo ou razão, cada dia tocava com a minha gente por contrárias bandas, para mais apartado de donde ela assistia.** Ao cada dia mais distante, **eu mais Diadorim**, mire veja."

Otacília, por sinal, transforma-se em um objeto idealizado que servia como substituto para o objeto de seu real desejo:

"Toda moça é mansa, é branca e delicada. Otacília era a mais."

Diante de tantos conflitos, não é de surpreender que seu superego²¹ e sua submissão à lei apareçam constantemente em seus julgamentos morais, inclusive com o reconhecimento de uma certa dose de masoquismo²²:

"**Eu era feito um soldado, obedecia a uma regra alta**, não obedecia àquele Hermógenes. Dentro de mim falei! – Eu, Riobaldo, eu! Joca Ramiro é que era – a obrigação de chefia. **Mas Joca Ramiro parava por longe, era feito uma lei, uma lei determinada.**"

"E eu mesmo estava contra mim, o resto do tempo. **Não estava?"**

Assim, segue-se a saga de Riobaldo: sem poder assumir, inclusive para si mesmo, seu amor por Diadorim, ele resolve fazer um pacto com o diabo²³ para se tornar o corajoso líder do bando:

"Aí eu mandava. Aí eu estava livre, a limpo de meus tristes passados. Aí eu desfechava"

²¹ "O Eu e o Super-Eu (Ideal de Eu)" em S. Freud - Obras completas, volume 16: O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925) - 1a ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 14.

²² "O problema econômico do masoquismo" - Ibid.

²³ O Arrenegado, o Cão, o Cramulhão, o Indivíduo, o Galhardo, o Pé-de-Pato, o Sujo, o Homem, o Tisnado, o Côxo, o Temba, o Azarape, o Coisa-Ruim, o Mafarro, o Pé-Preto, o Canho, o Duba-Dubá, o Rapaz, o Tristonho, o Não-sei-que-diga, O-que-nunca-se-ri, o Sem-Gracejos...

As dúvidas, entretanto, continuam corroendo sua alma. Sem saber se a invocação do demônio havia funcionado, ele não sabe mais se suas ações, a partir daquele momento, eram fruto de sua vontade ou da vontade do Coisa-Ruim:

"Mas, aquilo de ruim-querer carecia de dividimento – e não tinha; o demo então era eu mesmo?"

"Então, não sei se vendi? Digo ao senhor: meu medo é esse. Todos não vendem? Digo ao senhor: o diabo não existe, não há, e a ele eu vendi a alma... Meu medo é este. A quem vendi? Medo meu é este, meu senhor!"

O desfecho do livro é um dos mais conhecidos segredos da literatura brasileira, de modo que não é de bom tom adiantá-lo.

É certo que muito mais poderia ser explorado, em termos psicanalíticos, da magistral obra de Guimarães Rosa. Devido à falta de tempo e espaço, entretanto, resta-nos convidar o leitor para, assim como Riobaldo, embarcar na travessia que cada um de nós faz pelos nossos sertões particulares, afinal:

"Viver – não é? – é muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo."

"Travessia perigosa, mas é a da vida."

Referências

FERENCZI, S. "A Elasticidade da técnica psicanalítica" - Obras Completas Psicanálise IV, São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. "Princípio de relaxamento e neocatarse" - Obras Completas Psicanálise IV, São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FREUD, S. Obras completas, volume 2: Estudos sobre a histeria (1893-1895) em coautoria com Josef Breuer - 1a ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. Obras completas, volume 9: Observações sobre um caso de neurose obsessiva [O homem dos ratos], Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910) - 1a ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. Obras completas, volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber") , artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913) - 1a ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Obras completas, volume 16: O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925) - 1a ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ROSA, JOÃO GUIMARÃES. Grande Sertão: Veredas - 21.ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

ROUDINESCO, ELISABETH. Dicionário de psicanálise / Elisabeth Roudinesco, Michel Plon; — Rio de Janeiro: Zahar, 1998.